



TESE DA PLATAFORMA

A casa forma uma pessoa inteira quando ensina a verdade na ordem em que a mente cresce

A tese da plataforma Educando em Casa: por que o currículo clássico e cristão de quinze anos, do Maternal à 3ª série do Ensino Médio, e as ferramentas que ele põe nas mãos da família funcionam

Educando em Casa · Educação Domiciliar Clássica e Cristã · setembro de 2026

Resumo

A família que tirou o filho da escola não precisa montar uma escola dentro de casa. Precisa de um caminho: saber o que ensinar em cada ano, em que ordem, com que livros e por quê; ter uma aula que aconteça mesmo quando o pai não é professor; e chegar ao fim de cada ano com um documento que mostre, a quem perguntar, que o ano aconteceu.

O Educando em Casa responde com duas coisas feitas uma para a outra. A primeira é um currículo clássico e cristão de quinze anos, do Maternal, aos 2 anos, à 3ª série do Ensino Médio, aos 17, com 36 semanas por ano e 14.818 lições escritas, todas com flashcards. A segunda é a plataforma em que ele vive, feita para que o pai conduza a aula, registre o dia falando e chegue a dezembro com o ano documentado.

O currículo se apoia em três pilares: a Base Nacional Comum Curricular como esqueleto, que garante a cobertura; a cosmovisão cristã como filtro, que decide o que entra e afirma o contraponto; e o método clássico, o Trivium somado a Charlotte Mason, com livros vivos, lições curtas, narração, cópia, memorização, hábitos e beleza. A história do mundo é contada em ordem, como uma história só. A criança aprende inglês pela fala, espanhol toda semana e latim a partir dos 8 anos, e quase toda lição existe também em inglês, com narração em áudio.

Esta tese defende essas escolhas, uma a uma, e termina com as objeções e os limites, porque um método que não diz o que não faz não merece confiança.

A família que tirou o filho da escola forma uma pessoa inteira quando ensina, em casa, a verdade de Deus e do mundo como uma história só, na ordem em que a mente cresce, e quando tem nas mãos um currículo pronto de quinze anos e ferramentas que transformam cada dia vivido em registro e cada ano cumprido em documento.

O problema

A escola saiu de casa, e o mapa ficou com ela

A decisão mais difícil já foi tomada. A família tirou o filho da escola e atravessou as primeiras semanas. Agora vem a segunda-feira seguinte, e mais quinze anos delas.

A escola, boa ou ruim, tinha um mapa: o que cada série estuda, em que ordem e com que livro. O mapa não veio junto. Sem ele, a família cai em uma de três tentações: reproduzir a escola em casa, com apostila e prova toda semana; improvisar, sem saber o que ficou de fora; ou entregar a criança a um aplicativo que ensina sozinho. A primeira cansa, a segunda deixa buracos e a terceira tira do pai o lugar que é dele.

O material pronto carrega uma filosofia

Muito do material escolar traz uma filosofia que não aparece na capa. O documento que serviu de base ao filtro do currículo resume: as divergências com a educação oficial estão "na filosofia de fundo (construtivista, sociointeracionista e secularista) que rege o documento oficial". Os efeitos são concretos. Na alfabetização, a escrita espontânea e a adivinhação pela figura são, dizem os documentos, "a razão de tantas crianças chegarem ao 3º ano escrevendo 'ezcola'". Na História, a organização por temas faz a criança "conhecer a Revolução Industrial antes de saber quem foi Moisés". A família que saiu da escola para proteger a formação do filho muitas vezes compra de volta, na apostila, a visão de mundo de que quis se afastar.

O pai não é professor, e não precisa ser

O pai e a mãe raramente estudaram pedagogia e quase nunca têm a manhã livre para preparar aula. Precisam de uma lição que funcione lida em voz alta, de um gabarito que explique o que fazer quando a criança erra e de alguém que fale o inglês que talvez eles não falem. Os documentos resumem a exigência: "Lição com texto é auto-suficiente: o pai lê em voz alta e a aula acontece, mesmo sem nenhum livro em casa."

O ano precisa deixar prova

Em 2018, no Recurso Extraordinário 888.815 (Tema 822), o Supremo Tribunal Federal decidiu que a Constituição não proíbe a educação domiciliar, mas que ela depende de uma lei que a regule, e essa lei ainda está em discussão no Congresso. Enquanto isso, a família pode ser chamada a mostrar ao conselho tutelar, à secretaria de educação ou a um juiz que

o filho está sendo educado. E a pergunta vem também da avó que duvida, e do próprio pai em dezembro. Um ano que não deixou registro evapora: o que foi vivido existiu, mas não pode ser mostrado.

A família sozinha e a criança com lacunas

Há ainda a solidão, porque a família que educa em casa muitas vezes não conhece outra por perto. E há a criança que chega da escola com um ano no papel e outro na cabeça. Sem saber em que ano o filho está de verdade, o pai começa no lugar errado.

A tese

O currículo e a plataforma funcionam porque juntam seis verdades que se reforçam.

1. **A verdade tem Autor, e por isso o currículo é uma história só.** A história do mundo é contada em ordem, da Criação aos nossos dias, com a Bíblia como espinha, e as ciências mostram uma ordem que o homem descobre e não inventa. Quem aprende que o mundo tem sentido põe cada fato novo no lugar certo.
1. **A mente cresce em fases, e cada fase pede um jeito de ensinar.** Até os 9 anos a criança absorve e ama repetir; aos 10 pergunta por quê; na adolescência quer se expressar. Ensinar argumento a quem ainda está enchendo a memória desperdiça a memória, e dar só fatos a quem já pergunta desperdiça a pergunta. Por isso o currículo segue o Trivium.
1. **A criança é uma pessoa inteira.** Ela se forma pelo que ama, pelo que repete e pelo que contempla. Por isso recebe livros vivos em vez de resumos, lições curtas em vez de horas de carteira, narração em vez de prova nos primeiros anos, e tem lugar fixo para o hino, o quadro, a música, o ar livre e o trabalho da casa.
1. **Nada essencial fica de fora, e nada contrário à fé entra sem resposta.** A BNCC garante a cobertura; o filtro garante a direção. A família precisa das duas coisas: o respaldo de um currículo completo e a certeza de que ele não desmonta, lição por lição, o que ela ensina à mesa.
1. **Quem ensina é o pai, e a aula precisa se sustentar nas mãos dele.** Deus entregou o ensino dos filhos aos pais, e eles não precisam ser especialistas para cumpri-lo. Por isso cada lição traz o texto para ler em voz alta, o passo a passo, o gabarito que fala com o pai, a versão em inglês com áudio e os flashcards prontos.
1. **O que se vive precisa virar registro, e o registro precisa virar documento.** O ano que não deixa rastro não pode ser mostrado a ninguém. Por isso o dia se registra falando, a lição concluída vira registro sozinha, e a plataforma entrega, com os mesmos números, a frequência, o boletim e o Livro do Ano.

O fundamento bíblico

Método sem antropologia é técnica solta. O currículo parte de uma visão cristã de Deus, do homem e do conhecimento, e é ela que decide o que se aproveita da tradição e da pesquisa.

A verdade tem Autor

A primeira lição de Bíblia do 4º ano abre com "No princípio era o Verbo" (João 1.1). O texto, dizem os documentos, "não diz que a razão é ruim. Diz que ela não é a primeira coisa que existiu". Antes da razão humana há o Logos, e por isso o mundo pode ser entendido. Daí a convicção de que a verdade "é objetiva e revelada", e não um acordo social. A criança de 4 anos aprende isso com feijões: $2 + 2 = 4$ "é verdadeiro em toda parte, em todo tempo, quer alguém goste ou não".

Ao SENHOR pertence a terra e tudo o que nela se contém, o mundo e os que nele habitam. (Salmos 24.1)

Se o mundo é do Senhor, estudá-lo é conhecer a obra de Alguém. Por isso a matemática mostra uma ordem que "não foi inventada pelo homem", e a História tem "começo, meio e fim, e um Autor".

A criança é imagem de Deus e tem o coração inclinado

A criança foi criada à imagem de Deus (Gênesis 1.27) e merece o melhor da cultura humana. Mas o coração humano é enganoso (Jeremias 17.9). A antropologia dos quinze anos é esta: o homem foi criado bom, caiu e pode ser redimido. Por isso o currículo cultiva hábitos com firmeza e gentileza, e recusa tanto a ideia de que a criança é boa por natureza quanto a de que é só um problema a controlar.

O ensino dos filhos foi entregue aos pais

Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. (Deuteronômio 6.6-7)

O mandamento foi dado ao pai e à mãe, no ritmo comum da vida. Paulo o repete quando manda criar os filhos na disciplina e na admoestação do Senhor (Efésios 6.4). Daí o princípio: "A autoridade central é a família e a Palavra de Deus", e não o Estado nem o coletivo.

Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele. (Provérbios 22.6)

Por isso a plataforma põe o pai no centro, e não uma tela. As lições falam com ele, e a atividade de tela da criança termina sempre num caderno.

Cresce-se em etapas

Do próprio Jesus menino a Escritura diz que crescia "em sabedoria, estatura e graça" (Lucas 2.52). Paulo lembra que, quando menino, pensava como menino (1 Coríntios 13.11), e Hebreus distingue o leite do alimento sólido:

Mas o alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal. (Hebreus 5.14)

O Trivium não é teoria estranha à fé. É a observação de que a criança recebe primeiro, depois pergunta e depois fala, e de que cada etapa prepara a seguinte.

Guardar a Palavra, contemplar o belo, cultivar o jardim

O salmista guarda a Palavra no coração para não pecar (Salmos 119.11), e Paulo pede que a palavra de Cristo habite ricamente na igreja, com salmos, hinos e cânticos (Colossenses 3.16). A memorização é, para a fé cristã, um ato de amor: o que se sabe de cor acompanha a pessoa quando o livro não está por perto. Por isso cada ano tem versículo e hino do mês.

Paulo manda pensar em tudo o que é verdadeiro, respeitável, justo, puro e amável (Filipenses 4.8), e o currículo dá à criança o quadro grande, a música grande e o livro que "fira a imaginação". Lembra também que o primeiro homem que a Bíblia diz ter sido cheio do Espírito de Deus, Bezalel, recebeu esse dom para criar (Êxodo 31.1-5).

Tomou, pois, o SENHOR Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar. (Gênesis 2.15)

Antes da queda já havia trabalho. Por isso "o trabalho do lar é currículo", e o estudo da natureza ensina mordomia sem pânico.

De Babel a Pentecostes, e a fé que pensa

As línguas se multiplicaram como juízo em Babel (Gênesis 11) e foram reunidas como dom em Pentecostes (Atos 2). "Aprender a língua do outro é desfazer um pouco de Babel: é atravessar a ponte para amar o próximo."

A Escritura manda estar pronto para dar a razão da esperança (1 Pedro 3.15), e Paulo discutiu com os filósofos no Areópago (Atos 17), cena que abre a 1ª série do Ensino Médio. Por isso a aluna lê Marx e Nietzsche na fonte e responde de dentro da fé: a verdade não precisa de proteção contra perguntas, precisa de quem saiba respondê-las.

Os três pilares

Pilar	Documento de base	Função
Esqueleto temático	Base Nacional Comum Curricular, versão final de 2018	Garantir cobertura acadêmica e respaldo legal, e nada mais
Filtro ético	<i>Análise Crítica da BNCC / Cosmovisão Cristã</i>	Tirar o construtivismo social, o relativismo, a luta de classes, o materialismo e o sincretismo
Método	Charlotte Mason e o Trivium de Susan Wise Bauer, a partir de <i>Construindo Currículo Home School</i>	Livros vivos, lições curtas, narração, hábitos e respeito às fases da mente

A BNCC como esqueleto, e nada mais

"A BNCC é usada apenas como esqueleto temático, para garantir cobertura acadêmica e respaldo legal. O conteúdo, o método e a cosmovisão são clássicos e cristãos." Todo bloco de matéria declara os códigos da BNCC que cobre, como prova de cobertura, e não como fonte do conteúdo. Os códigos foram conferidos no índice oficial, e não citados de memória. A plataforma os mostra na página de cada ano e na ficha de cada lição, para que a família possa apontar qual habilidade oficial aquela aula cumpre.

Onde a BNCC não prevê uma matéria, o currículo a acrescenta e diz isso: a Bíblia na Educação Infantil, "a base de tudo"; o Latim e a Lógica; o trabalho manual, "insubstituível"; o inglês antes do 6º ano e o espanhol. O esqueleto garante que nada essencial fique de fora, e faz o currículo falar a língua do documento que as autoridades conhecem.

O filtro que tira e o filtro que afirma

O filtro trabalha em cinco eixos: a identidade como construção só social, o relativismo moral, a história como luta de classes, o materialismo como explicação única e o sincretismo que iguala todas as fés. Sai a escrita espontânea como método; sai o cardápio e a tirinha como material central da língua; sai a herança cristã lida só por suas falhas; sai o ativismo infantil como finalidade do estudo; sai o jogo eletrônico como conteúdo de Educação Física.

Mas o filtro não é só tesoura. "A aula afirma o contraponto." A escravidão entra, e é chamada "pecado contra o próximo", com a ideologia racial "explicitamente rejeitada como falsa". O

Holocausto é "olhado de frente". A eugenia e o racismo científico entram inteiros no Ensino Médio: "Esta casa não filtra isso: afirma." Os temas da BNCC entram; muda a postura: "Debate, não militância."

Para os livros, o currículo usa o Termômetro de cosmovisão, uma régua de cinco cores, do vermelho, contrário à fé, ao azul, alinhado a ela. A cor de um livro é a do seu pior eixo, e não a média, porque um livro excelente em quatro pontos e corrosivo em um continua corrosivo.

O método: Trivium e Charlotte Mason

O Trivium, na forma que Susan Wise Bauer deu à educação clássica em casa, organiza os anos pelas fases da mente. Charlotte Mason, educadora inglesa do século XIX, dá o jeito de cada dia: livros vivos, lições curtas, narração, hábitos e contato direto com a natureza, a arte e a música. O Trivium diz o que cada idade pede; Mason diz como servir isso a uma criança sem esmagá-la.

O método clássico e cristão

O Trivium por idade

Fase	Anos	A criança	O que se faz
Gramática	Da Pré-escola ao 4º ano (o Maternal é a Gramática antes da Gramática)	"Absorve, memoriza, ama repetição"	"Encher a mente de fatos, histórias, cânticos, versículos"
Lógica	Do 5º ao 8º ano	"Questiona, argumenta, quer saber 'por quê'"	"Ensinar a pensar: causa, consequência, argumento, refutação"
Retórica	Ensino Médio, com o 9º ano como passagem	"Quer se expressar e persuadir"	"Ensinar a falar e escrever com beleza e verdade"

A Lógica começa no 5º ano, e não no 6º, porque é aos 10 anos que a pergunta "por quê" chega com força. A regra de ouro da fase da Gramática é "narrativa antes de argumento": antecipar a defesa de uma ideia, respondendo a uma objeção que a criança não fez, "ensina que a coisa precisa de defesa". Por isso o mesmo assunto se escreve diferente em cada fase.

Uma história só, contada três vezes

A BNCC organiza a História por temas, o que faz a criança "conhecer a Revolução Industrial antes de saber quem foi Moisés". O currículo a organiza em ordem: "Aqui a história tem começo, meio e fim, e um Autor." A história do mundo passa três vezes pela vida da criança: na Gramática ela a ouve e narra; na Lógica ela a julga, com fonte primária; no Ensino Médio ela a pensa, pela filosofia e pelos grandes livros. O Brasil corre ao lado.

Ano	A história do mundo	O Brasil
1º	Antiguidade: da Criação à queda de Roma	A minha família e a minha terra

Ano	A história do mundo	O Brasil
2º	Idade Média: de 476 a 1453	Os povos indígenas e a chegada dos portugueses
3º	Renascimento, Reforma e Descobrimentos: de 1453 a 1750	Capitanias, engenhos, bandeirantes e missões
4º	Iluminismo e revoluções: de 1750 a 1889	Independência, Império, abolição
5º	Era contemporânea: de 1889 aos nossos dias	República, imigração, guerras, o Brasil de hoje
6º	Antiguidade, segunda volta	Os primeiros povos e o território antes de 1500
7º	Da Idade Média ao Novo Mundo	A formação do Brasil colonial
8º	Iluminismo e as independências	Independência, Império, Segundo Reinado, Guerra do Paraguai
9º	O mundo em que vivemos: do século XX aos nossos dias	República, era Vargas, ditadura, redemocratização
Ensino Médio	1ª série: Antiguidade e Idade Média; 2ª: do Renascimento ao Iluminismo; 3ª: do século XIX a hoje	Estudado em cada período

Uma linha do tempo de papel pardo acompanha a criança e "nunca recomeça: ela emenda, ano após ano".

As ciências na ordem do olhar

As Ciências seguem "um ramo por ano, na ordem em que a criança consegue observar. Vida primeiro (dá para ver e tocar), depois a Terra e o céu, depois a matéria, depois as forças." O Fundamental II faz a segunda volta, e o Ensino Médio separa Física, Química e Biologia. O método científico é honesto desde a Pré-escola: "Não afirmamos o que não vimos." Toda experiência tem previsão escrita antes e o limite do modelo declarado depois ("o vulcão

mostra a forma, não a causa"), e no 9º ano a regra vira linguagem: "'Isso foi observado' e 'isso foi inferido a partir de' são frases diferentes."

Os princípios permanentes

Os princípios que atravessam os quinze anos vêm em boa parte de Charlotte Mason:

1. "A criança é uma pessoa inteira, não um recipiente de fatos nem um projeto político."
2. "Livros vivos, não livros mortos. Literatura que fira a imaginação, no lugar de apostilas resumidas."
3. "Lições curtas e atenção total. Melhor 10 minutos de atenção plena do que 40 de presença vazia."
4. "Narração no lugar de prova. A criança conta o que entendeu; isso revela mais que qualquer teste."
5. "Ar livre todos os dias. A natureza é o primeiro laboratório e a primeira catedral."
6. "O trabalho do lar é currículo, não interrupção do currículo."

Lições curtas e livros vivos

"Pare a lição enquanto a criança ainda quer mais. O tédio é o inimigo, não a falta de tempo." A lição formal cresce de 45 a 60 minutos aos 4 anos a cerca de cinco horas no Ensino Médio, sempre em blocos, porque "o que cansa criança não é o total do dia, é o bloco longo".

Livro vivo é o que tem "linguagem rica (não simplificada), história com começo, meio e fim, conflito moral real, e beleza". Os contos entram nas versões originais, porque neles "o lobo é perigoso de verdade" e "a coragem custa alguma coisa". E lê-se para a criança acima do nível dela, porque ela "entende ouvindo muito antes de conseguir ler".

Narração, cópia e ditado

Depois de toda leitura de História e de Ciências, a criança "conta tudo o que consegue lembrar, com as próprias palavras, sem interrupção do adulto. Isso constrói memória, sequência lógica e vocabulário de uma só vez." A pergunta é "Me conta o que aconteceu", e depois silêncio. Nos anos iniciais, a narração é "a prova que substitui a prova".

A alfabetização é por fônica sistemática, sem método misto. A cópia é a prática diária de escrita: um versículo, um verso, uma frase bela. "Caligrafia, ortografia e memória, na mesma

tarefa", e "duas linhas bem-feitas valem mais que dez corridas". O ditado fecha o ciclo: a palavra errada "nunca vira nota nem sermão. Só vira lista da semana seguinte."

Memorização, hábitos e virtudes

A memorização é "a ginástica da mente", e a meta cresce: de 10 cantigas, 5 versículos e 2 poemas aos 4 anos a 15 poemas e dois capítulos bíblicos aos 10, e a um discurso histórico inteiro no 8º ano. Vale para a matemática: "quem não sabe $7 + 5$ de cor gasta a cabeça inteira na conta".

Cada ano tem as suas virtudes-âncora, escolhidas pelo que a idade exige: aos 5 anos, diligência e domínio próprio, "porque são o que sustenta a alfabetização"; aos 13, pureza; aos 17, o serviço. O hábito é tratado como "amor e segurança", e "não adestramento por medo nem barganha por recompensa".

Diagramação de frases

A análise sintática é visual, pelo diagrama de Reed-Kellogg, em que a frase vira desenho: sujeito e verbo sobre uma linha, cada complemento no lugar que ocupa. "Não é enfeite: é o que transforma regra abstrata em estrutura que a criança vê." O método é um só, do 1º ano ao Ensino Médio, e toda frase analisada "vem de livro real, nunca inventada de propósito".

Hino, quadro, música e ar livre

Cada ano tem um versículo e um hino por mês, e um pintor e um compositor por trimestre. O hino é cantado todo dia na Hora da Mesa, o devocional em família que abre a manhã. O estudo de quadro é breve: "Fique 2 minutos em silêncio, olhando. Vire a imagem para baixo. Peça: 'me conta o que você viu.'" A razão: "A criança precisa não só de fazer arte, mas de ver arte grande e ouvir música grande." E o ar livre é diário, com o Caderno da Natureza, "o documento mais valioso do ano" na Pré-escola.

Debate, pergunta aberta e projetos

A partir do 5º ano há Debate às sextas, e "só refuta quem primeiro resumiu o outro lado a contento". Cada ano deixa "uma pergunta grande sem resposta", respondida por escrito em dezembro. E cada semestre termina num projeto apresentado à família: são 60 ao longo dos quinze anos, todos nascidos "do que o ano já estuda".

Avaliação e calendário

"Aos 4 anos não se aplica prova. Avalia-se por evidência acumulada": o Caderno da Natureza, a narração, a recitação e o portfólio. Quando a criança não rende, olha-se primeiro para a lição: "a lição está longa demais, a criança está com sono ou fome, ou faltou ar livre. Nesta ordem." O ano tem 36 semanas e 180 dias, em três trimestres de 12 semanas, no modelo do Simply Charlotte Mason ("4 Ways to Schedule Your Homeschool Year").

O currículo, ano a ano

São quinze anos, todos com 36 semanas. Cada ano tem um nome, uma fase do Trivium, um fio condutor, virtudes-âncora, pintores, compositores, hinos, leituras, marcos e projetos. Na plataforma, o quadro "As disciplinas" de cada ano mostra, matéria por matéria, a referência da BNCC, a abordagem, o que foi filtrado e o que se espera ao fim.

Ano	Idade	Nome do ano	Fase	Lições por semana
Maternal	2 e 3 anos	O Tempo do Colo e das Primeiras Palavras	A Gramática antes da Gramática	10
Pré-escola I	4 anos	O Ano do Assombro e da Obediência Alegre	Gramática	20
Pré-escola II	5 anos	O Ano em que as Letras Viram Palavras	Gramática	25
1º ano	6 anos	O Ano da Leitura Corrente	Gramática	30
2º ano	7 anos	O Ano dos Castelos e das Caravelas	Gramática	30
3º ano	8 anos	O Ano das Descobertas	Gramática (fim)	30
4º ano	9 anos	O Ano das Revoluções	Da Gramática para a Lógica	30
5º ano	10 anos	O Ano em que se Aprende a Perguntar	Lógica	30
6º ano	11 anos	O Ano das Origens	Lógica	30
7º ano	12 anos	O Ano das Travessias	Lógica	30
8º ano	13 anos	O Ano das Independências	Lógica	30

Ano	Idade	Nome do ano	Fase	Lições por semana
9º ano	14 anos	O Ano do Mundo em que Vivemos	Da Lógica para a Retórica	30
1ª série do Ensino Médio	15 anos	O Ano da Retórica Antiga	Retórica	29
2ª série do Ensino Médio	16 anos	O Ano da Razão Moderna	Retórica	29
3ª série do Ensino Médio	17 anos	O Ano da Resposta	Retórica	29

Somadas, são 14.818 lições escritas, todas com flashcards.

Família Demonstração
Paulo - Responsável

Hoje

Indique e ganhe 3D

Registros

Importar registros

Crianças

ENSINO

Currículo

Cursos Extras 3D

Explicando o método

Documentos importantes

Provas e boletim

Prova de nivelamento

Demonstração · semana 1 de cada ano, por inteiro 15 anos · dos 2 aos 17

Maternal 2 e 3 anos | Pré-escola I 4 anos | Pré-escola II 5 anos | 1º ano 6 anos | 2º ano 7 anos | 3º ano 8 anos | **4º ano 9 anos** | 5º ano 10 anos | 6º ano 11 anos | 7º ano 12 anos | 8º ano 13 anos | 9º ano 14 anos | 1ª série 15 anos | 2ª série 16 anos | 3ª série 17 anos

Currículo Escolar
4º ano · 9 anos · fase da Gramática → Lógica

3 trimestres de 12 semanas

O Ano das Revoluções
O mundo vira de cabeça para baixo entre 1750 e 1889 — e o Brasil nasce como nação no meio disso. Frações, decimais e a matéria por dentro.
36 semanas · 180 dias · 3h30 a 4h de lição formal · EF04LP01-27 · EF04MA01-28 · EF04CI01-11 · EF04HI01-11 · EF04GE01-11

0%
0 de 23

VOCÊ ESTÁ AQUI

Semana 1 — O Iluminismo: a razão no trono
Análise sintática: sujeito, predicado, objeto direto e indireto · 2ª declinação

1º trimestre
Semanas 1 a 12 · Jacques-Louis David · Ludwig van Beethoven

1 T1 | 2 T1 | 3 T1 | 4 T1 | 5 T1 | 6 T1 | 7 T1 | 8 T1 | 9 T1 | 10 T1 | 11 T1 | 12 T1

0/12 semanas

Instalar na tela

Sair da demonstração

A tela do Currículo: a barra com os quinze anos, do Maternal à 3ª série, e o 4º ano aberto, "O Ano das Revoluções", com 36 semanas, 180 dias, 3h30 a 4h de lição formal, os códigos da BNCC que o ano cobre, o marcador "Você está aqui" na Semana 1 (O Iluminismo: a razão no trono) e as semanas do 1º trimestre.

Maternal (2 e 3 anos): O Tempo do Colo e das Primeiras Palavras

Fase e fio. É a Gramática antes da Gramática: "o adulto é o currículo; a criança nunca 'faz lição'". O ano segue nove temas mensais, na ordem em que o mundo se abre para uma criança pequena: eu e a minha casa, o meu corpo, os animais, a comida e a mesa, a natureza lá fora, cores e formas, sons e música, os outros, as histórias. São 10 lições por semana, vividas em momentos de dois a cinco minutos.

O que se vive. Não há matérias; há eixos: linguagem e escuta, corpo e movimento, sensório e mundo, traços, sons e cores, fé e hábitos, inglês pela canção e espanhol. Cada eixo está amarrado a um campo de experiência da BNCC para os 2 e 3 anos. A rotina é previsível, do acordar à oração da noite, e a fé entra por ela: "histórias bíblicas curtas, um cântico, uma oração simples, o 'obrigado'". O brincar livre tem lugar próprio, a *masterly inactivity* de Charlotte Mason: o adulto por perto, sem dirigir tudo.

Obras. Cantigas como "Cabeça, ombro, joelho e pé"; em inglês, *Head, shoulders, knees and toes* e *Twinkle, twinkle little star*. São 18 frases e cantigas de inglês no ano, todas com áudio. Os flashcards são da semana, uma carta por dia, porque a criança não lê.

Ao fim do ano. Aos 3 anos, fala frases completas, reconta uma história em uma frase, recita duas ou três rimas de cor, obedece de primeira na maior parte das vezes e diz "obrigado" e "desculpa". Em inglês, responde a comandos simples e nomeia de oito a dez palavras. Em espanhol, ouve "¡A comer!" e vai para a mesa.

Por quê. "2 e 3 anos não é escola": é "exposição, não instrução". O ensino formal nessa idade roubaria o que a criança mais precisa, porque "sono, colo e presença são currículo". Por isso duas habilidades da BNCC ficam de fora de propósito: o traçado de letras, que Charlotte Mason não introduz antes dos 4 anos, e o registro escrito de quantidade, "por decisão de método, não por lacuna". As línguas entram pela canção porque a

criança pequena aprende língua de ouvido, como aprendeu a primeira. O Maternal entrega uma criança com ouvido treinado, gosto pela rima e hábitos formados: "Sem isso, a Pré I começa empurrando; com isso, ela flui." Os projetos têm o tamanho da idade: "O livro do meu corpo e da minha casa" e "O jardim no copinho".

Pré-escola I (4 anos): O Ano do Assombro e da Obediência Alegre

Fase e fio. Gramática. "A criança de 4 anos é uma esponja", dizem os documentos, e pedem: "Não a apresse para a análise: encha-a de coisas boas." O fio: aos 4 anos "não se alfabetiza: se prepara o solo". É um ano "de ouvido, olho, mão e coração", com 20 lições por semana. Virtudes: obediência alegre, atenção, veracidade e gratidão.

O que se estuda. Bíblia e Formação de Caráter, a "disciplina-fundamento"; Linguagem; Matemática; História; Geografia; Ciências e Estudo da Natureza; Artes Visuais e Música; Corpo, Movimento e Saúde; Trabalho Manual e Artes do Lar; Inglês; Espanhol. São 36 histórias bíblicas em ordem, da Criação ao filho pródigo, e 12 versículos. Uma letra por semana, com nome, som e traçado. A matemática é feita "com objetos reais nas mãos", e "nada de folhinha de exercício". A História começa na família: a linha da vida, a árvore genealógica, a entrevista com o avô.

Obras e leituras. Millet, van Gogh e Almeida Júnior; Vivaldi, Saint-Saëns e Villa-Lobos; hinos como "Castelo Forte". Leituras: uma Bíblia ilustrada "com texto fiel", Bunyan, os contos de Grimm, Andersen e Perrault, Esopo, Beatrix Potter, Cecília Meireles e *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*.

Ao fim do ano. Conhece as 26 letras e o som de pelo menos 15; escreve o próprio nome; narra com começo, meio e fim; sabe 10 cantigas, 5

versículos e 2 poemas; conta até 30; tem um Caderno da Natureza com 20 desenhos. Em inglês, entende cerca de 40 frases e usa de 8 a 12 sozinha. Em espanhol, umas 28.

Por quê. "O erro mais comum do homeschool moderno é antecipar a leitura formal e queimar o amor pelos livros." Por isso a letra vem com calma e o livro vem em abundância, lido pelo adulto acima do nível da criança. O material é o extraordinário: "O cotidiano ela já tem de graça; o que a escola deve dar é o extraordinário." A matemática com feijões mostra que o mundo tem ordem e que essa ordem foi "descoberta" pelo homem, e não inventada. A História segue três regras que valem para os quinze anos: "Cronologia, não fragmento. Biografia, não estrutura social. Providência, não acaso nem dialética." Não há prova nem atividade de tela, coerente com um ano de objetos reais nas mãos: a criança é avaliada pelo que produz, narra e recita. Os projetos são "O caderno do naturalista" e "O teatro de Pedro Coelho".

Pré-escola II (5 anos): O Ano em que as Letras Viram Palavras

Fase e fio. Gramática: a criança "ainda ama repetir, mas já quer produzir". O fio: "Do som isolado à primeira frase lida sozinha. Fônica sistemática, escrita à mão de verdade e a certeza de que o mundo tem ordem." São 25 lições por semana. Virtudes: diligência, domínio próprio, honra e ordem.

O que se estuda. Bíblia e Caráter, de Moisés a Pentecostes; Fônica, Leitura e Escrita; Matemática; História; Geografia; Ciências e Natureza; Artes e Música; Corpo e Movimento; Trabalho Manual e Lar; Inglês; Espanhol. Uma família silábica por semana, dos sons simples aos dígrafos

(CH, LH, NH) e encontros (BR, CR), e leitura de frases nas últimas seis semanas. Começa a cursiva. A criança monta "O Livro de Palavras", "o primeiro livro que ela lê sozinha, escrito por ela". Faz o Ditado de Caixinha e conta com a Caixa das Dezenas. É o primeiro ano com atividade de tela.

Obras e leituras. Monet, Bruegel e Portinari; Mozart, Tchaikovsky (*O Quebra-Nozes*) e Prokofiev (*Pedro e o Lobo*); hinos como "Sublime Graça". Leituras: a Bíblia de Êxodo a Atos, Esopo, La Fontaine, Manuel Bandeira e *Pinóquio*, de Collodi, no original.

Ao fim do ano. Lê frases curtas com sentido; escreve o nome completo em cursiva e palavras ditadas; sabe 6 poemas e 12 versículos; conta até 100; soma e subtrai até 10; conta 36 histórias bíblicas em ordem. Em inglês, cerca de 75 frases, e responde "sem tradução no meio". Em espanhol, umas 55.

Por quê. "Ler é decodificar, e quem decodifica bem lê o resto da vida." A fônica é diária porque "três dias por semana não alfabetiza ninguém", e sistemática porque a alternativa, a escrita espontânea e a adivinhação pela figura, produz o aluno que escreve "ezcola" no 3º ano. No Ditado de Caixinha, a criança confere, o adulto não corrige por cima e a palavra errada volta na semana seguinte: o erro se conserta pela repetição do certo. Na Bíblia, "não são 36 historinhas soltas com moral no fim: é uma história só, com um Autor, e ela percebe isso", e o caráter "se forma por dentro da narrativa, não por sermão colado no fim". Na matemática, "concreto antes de simbólico, sempre". Os projetos são "Afunda ou flutua?" e "Meu primeiro livro".

1º ano (6 anos): O Ano da Leitura Corrente

Fase e fio. Gramática: a criança "absorve fatos com uma facilidade que nunca mais terá". O fio: "Ela sai lendo. E enquanto aprende a ler, atravessa a história do mundo da Criação à queda de Roma, aprende o próprio corpo por dentro e soma até cem." São 30 lições por semana. Virtudes: perseverança, atenção, verdade e serviço.

O que se estuda. Bíblia e Caráter, Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências, Artes e Música, Educação Física, Trabalho Manual e Lar, Inglês e Espanhol. A Antiguidade vem em ordem, da Criação ao Egito, a Abraão, a Moisés, à Grécia e a Roma, com narração, linha do tempo e uma "biografia da semana". Os fatos básicos até 20 são treinados "em jogo, nunca em folha". As Ciências estudam o corpo humano e os animais. Quatro atividades seguram o ano: a Linha do Tempo do Mundo, o Caderno de Narração, que "substitui prova", a Leitura de Todo Dia e o Caderno de Cópia.

Obras e leituras. Fra Angelico, Rafael e a arte do Egito e da Grécia; Bach, Händel e Haydn; hinos como "Quão Grande És Tu". Leituras: a Bíblia, de Gênesis a Josué e os Evangelhos; *A História do Mundo para Crianças*, de Susan Wise Bauer, volume 1; mitos gregos; Heródoto adaptado; os Salmos 1, 23 e 100; *As Crônicas de Nárnia*.

Ao fim do ano. Lê com fluência e entende; escreve um parágrafo de três a cinco frases; reconhece substantivo, adjetivo e verbo; sabe 8 poemas e 12 versículos, entre eles o Salmo 1; soma e subtrai até 20 de cabeça; narra a história do mundo da Criação a Roma. Em inglês, lê as frases-foco e copia uma por semana. Em espanhol, diz "Me llamo..., tengo seis años".

Por quê. "Fônica até o fim, sem método misto": a fluência "não se ensina, se pratica". Na matemática, "quem não sabe $7 + 5$ de cor gasta a cabeça inteira na conta e não sobra nada para o problema", e a ordem é "concreto, depois pictórico, depois abstrato". A Bíblia é a "espinha da História do mundo": o povo de Israel aparece entre assírios, gregos e romanos "porque foi ali que ele viveu", e a criança aprende que a fé e a história aconteceram no mesmo mundo. Até a Educação Física tem razão moral: "perder bem é conteúdo". Os projetos: "Recito de cor", "Do que as coisas são feitas", "O conto que eu leio" e "O germe invisível".

2º ano (7 anos): O Ano dos Castelos e das Caravelas

Fase e fio. Gramática. "Começa a aparecer a pergunta 'por quê'. Responda, e volte para os fatos." O fio: "Mil anos de Idade Média, o encontro que criou o Brasil, a multiplicação e a planta estudada da raiz ao fruto." Virtudes: fidelidade, coragem, generosidade e reverência.

O que se estuda. As matérias do 1º ano. A Bíblia caminha com a Idade Média: "os monges que copiaram as Escrituras à mão, as catedrais", Francisco de Assis e Tomás de Aquino. O Brasil é o dos povos indígenas e da chegada dos portugueses. A ortografia é ensinada "por regra e fixada por cópia do certo", e a gramática "com definição curta e cinquenta exemplos". A matemática chega ao reagrupamento com material dourado e às tabuadas do 2, do 5 e do 10. A botânica é estudada "com a planta na mão". Começa a narração escrita.

Obras e leituras. Giotto, van Eyck, Eckhout e Frans Post; o canto gregoriano, Hildegard von Bingen, Vivaldi e o Padre José Maurício; hinos como o "Te Deum". Leituras: Bauer, volume 2;

a Carta de Pero Vaz de Caminha adaptada; lendas indígenas; Robin Hood e o Rei Artur; *O Hobbit*.

Ao fim do ano. Lê um capítulo sozinha e conta o que leu; escreve um parágrafo com começo, meio e fim; sabe 10 poemas; lê números até mil; faz o reagrupamento "com clareza do porquê"; explica "quem já vivia no Brasil antes de 1500 e como". Em inglês, copia de duas a três frases por semana e sustenta uma troca de três falas. Em espanhol, recita poemas de José Martí e de Rafael Pombo.

Por quê. É o ano em que "a criança vê que a fé construiu civilização, o que a BNCC omite ao tratar religião como folclore". O encontro de 1500 é contado "com honestidade: o que os povos indígenas tinham, o que os portugueses trouxeram, o que se ganhou e o que se perdeu. Sem lenda dourada e sem lenda negra." Aos 7 anos a criança aprende que a história de um povo tem luz e sombra, e que as duas se contam. O material dourado existe porque "a criança precisa VER a dezena se formar", e a tabuada vem "em jogo e em canto, nunca em folha de repetição". Os projetos: "O cavaleiro e a lenda", "Do que a planta precisa", "O mapa do Peregrino" e "O relógio de sol".

3º ano (8 anos): O Ano das Descobertas

Fase e fio. Fim da Gramática, o "último ano de absorção pura". O fio: "Renascimento, Reforma, caravelas e o Brasil que nasce. Entra o Latim, entra a fração e o céu vira objeto de estudo." Virtudes: honestidade intelectual, constância, justiça e humildade.

O que se estuda. As matérias do 2º ano, mais o Latim. A Bíblia é a Bíblia "traduzida para as línguas do povo, impressa por Gutenberg"; Lutero, Calvino e a Contrarreforma entram "sem

caricatura de nenhum lado". O Brasil é o das capitanias, dos engenhos, dos bandeirantes e das missões, e a escravidão é tratada de frente. O Latim começa do zero, com *aqua, terra, silva*. Em Português, sujeito e predicado, e o parágrafo com frase-tema. Na Matemática, as frações. Nas Ciências, a Terra, o céu, o diário do tempo e a observação da Lua.

Obras e leituras. Michelangelo, Rembrandt e Aleijadinho; Bach, Mozart e Lobo de Mesquita; hinos como "Grande É a Tua Fidelidade". Leituras: Bauer, volume 3; biografias de Gutenberg, Lutero, Galileu, Zumbi e Aleijadinho; *Robinson Crusoé*; os *Contos de Shakespeare* de Charles e Mary Lamb; *Dom Quixote* para crianças.

Ao fim do ano. Lê um livro de capítulos por mês e o resume; sabe 12 poemas e um salmo inteiro; conhece 150 palavras latinas "e o português que veio delas"; explica a Reforma e a Contrarreforma sem caricatura. Em inglês, encena um diálogo de três falas e lê uma fábula curta. Em espanhol, narra uma fábula inteira.

Por quê. "Latim aos 8 anos não é erudição: é engenharia reversa do português." A estrutura declinada "ensina o que é sujeito e objeto melhor que qualquer aula de análise sintática", e o último ano de absorção é a hora de guardar as cento e cinquenta primeiras raízes, que vão abrir o português pelo resto da vida. A redação começa "pelo parágrafo bem construído", e não pelo "texto livre", que "ensina a escrever solto e depois não se desfaz". A Reforma ensina a falar do outro lado sem caricatura, porque honestidade intelectual é virtude do ano. A escravidão é tratada "sem transformar a aula em ativismo nem em omissão envergonhada", porque "justiça começa em chamar errado o que é errado". Os projetos: "O diário de Robinson", "O telefone de barbante", "Shakespeare na sala" e "O calendário da Lua".

4º ano (9 anos): O Ano das Revoluções

Fase e fio. Da Gramática para a Lógica. "Isso não é rebeldia: é a fase da Lógica batendo à porta. Dê a ela causas e consequências para mastigar." É o ano-modelo: o padrão de lição que os outros anos seguem nasceu nele. O fio: "O mundo vira de cabeça para baixo entre 1750 e 1889, e o Brasil nasce como nação no meio disso." A pergunta aberta: se o homem é bom por natureza, por que a Revolução Francesa terminou no Terror? Virtudes: prudência, coragem moral, gratidão e domínio da língua.

O que se estuda. As matérias do 3º ano. A primeira lição de Bíblia é "No princípio era o Verbo". O Latim chega à 2ª declinação, a três tempos verbais e a 300 raízes. A criança escreve uma redação de três parágrafos por semana e analisa objeto direto e indireto. A Matemática trabalha fração e decimal. A História usa causa e consequência como método: Iluminismo, Revolução Francesa, Independência, Império e abolição. As Ciências estudam a matéria numa "bancada de verdade com material de cozinha".

Obras e leituras. Jacques-Louis David, Debret, Victor Meirelles e Pedro Américo; Beethoven, Carlos Gomes e Chopin; o "Hino da Alegria" e o "Aleluia" de Händel. Leituras: Bauer, volume 4; as vidas de Wilberforce, Amy Carmichael e Zumbi; *Minha Formação*, de Nabuco; *Iracema* e *O Guarani*, de Alencar; Fedro em latim simplificado.

Ao fim do ano. Escreve um texto de três parágrafos; identifica sujeito, predicado e objetos; sabe de cor um poema longo e um capítulo bíblico; opera frações com denominadores diferentes; estima "e confere o resultado"; discute a abolição "com honestidade histórica". Em inglês, explica seis estruturas que já usa. Em espanhol, começa o método das histórias.

Por quê. A Revolução Francesa "disse que o homem é bom e a instituição o corrompe; a Escritura diz que o coração é enganoso", e a criança vê no que cada premissa deu, "e isso é apologética feita com história, não com discurso". O Evangelho de João abre o ano do Iluminismo porque mostra que a razão "não é a primeira coisa que existiu". Na Matemática, "estimativa antes do cálculo, sempre". Na Arte, a criança aprende a perguntar pela fonte: *Independência ou Morte* é de 1888 e retrata um fato de 1822. Na História, lê-se o documento: "a Lei Áurea tem duas linhas. Leia as duas." E a pergunta que fica aberta por semanas é "o melhor recurso pedagógico deste ano". Os projetos: "Carta do Nautilus", "Separar o que se misturou", "O Pequeno Príncipe e o meu planeta" e "A teia do quintal".

5º ano (10 anos): O Ano em que se Aprende a Perguntar

Fase e fio. Início da Lógica. A criança pergunta tudo, e o documento pede: "Não corte isso: dirija. É a matéria-prima do pensamento adulto, e ela só aparece uma vez." O fio: "De 1889 aos nossos dias, com as fontes na mesa. Argumento com prova, física com as mãos e o encerramento dos Anos Iniciais." A pergunta aberta: a sabedoria começa no temor de Deus ou na inteligência? Virtudes: honestidade intelectual, caridade no debate, responsabilidade e temperança.

O que se estuda. As matérias do 4º ano, com a Bíblia agora como Bíblia e Cosmovisão, e uma nova: Lógica e Retórica. É o primeiro ano de apologética. A criança aprende as falácias pelo nome e debate às sextas. Lê Fedro "no original adaptado, e descobre que consegue". Escreve redação de cinco parágrafos com refutação. Aprende "o que o eixo cortado esconde" num gráfico e separa a fonte primária da interpretação. Disseca um coração de boi e escreve o relatório "com as limitações declaradas".

Obras e leituras. Os impressionistas, Tarsila do Amaral e Norman Rockwell; Dvořák, Villa-Lobos (*Bachianas*), Copland e Morricone. Leituras: *Cristianismo Puro e Simples*, de C. S. Lewis; Corrie ten Boom e Bonhoeffer; *O Diário de Anne Frank*; a Constituição de 1988 e a

Declaração de 1948; contos de Machado de Assis; Schopenhauer "como catálogo do que NÃO fazer"; *Vidas Secas*.

Ao fim do ano. Escreve texto argumentativo de cinco parágrafos; "sustenta uma posição num debate e refuta com respeito"; sabe 15 poemas; conhece três declinações latinas; "lê um gráfico e aponta o que ele esconde"; distingue fonte primária de secundária; conhece as leis de Newton. Em inglês, domina passado e futuro: "este é o portão para o Fundamental II". Em espanhol, aprende a perguntar "¿por qué?".

Por quê. "A criança de 10 anos discute o dia inteiro de qualquer jeito: melhor que discuta bem." A Lógica entra no 5º ano, e não no 6º, porque é aqui que a pergunta chega, e deixá-la sem ferramenta é ensinar a discutir mal. O debate tem regra moral, porque "quem só sabe caricaturar o outro lado não convence ninguém". Distinguir quando um texto descreve e quando quer convencer "é a melhor vacina contra manipulação que a escola pode dar". E a regra vale para a própria criança: "Toda afirmação forte encontra a pergunta 'como você sabe?'. Inclusive as suas." Os projetos: "Resenha crítica", "Os três estados da água", "Sarau de poesia" e "O pulmão de garrafa".

6º ano (11 anos): O Ano das Origens

Fase e fio. Lógica, no segundo ano de estudo: a pergunta "por quê" vira "ferramenta constante". O fio: "Da origem do ser humano ao limiar da Idade Média, com fonte primária na mesa, não só a história contada." Começa a segunda volta da história do mundo. Virtudes: discernimento, humildade intelectual e reverência diante da origem.

O que se estuda. As treze matérias do 5º ano, da Bíblia e Cosmovisão ao Espanhol. A Bíblia pergunta "por que a Bíblia é digna de confiança" e percorre Provérbios. O Latim chega à 4ª declinação e ao primeiro parágrafo contínuo. A Lógica ensina a definição "nem larga, nem estreita", o Caderno de Falácias e o silogismo, com duas perguntas que não são a mesma: é válido? é verdadeiro? O Português diagrama o período simples e treina fato e opinião, discurso histórico e pesquisa com citação. A Grécia é estudada perguntando "quem era incluído, quem era excluído", e a Geografia trata "o mapa como argumento". As Ciências estudam a célula, o sistema nervoso e as camadas da Terra.

Obras e leituras. A arte da Mesopotâmia, do Egito e a escultura greco-romana; Palestrina, Victoria e Monteverdi. Leituras: Gênesis, Êxodo e os Evangelhos; Bauer, volume 1, relido com outros olhos; a *Ilíada* e a *Odisseia* adaptadas; Plutarco; trechos das *Confissões* de Agostinho.

Ao fim do ano. Diagrama o período simples completo; faz resumo "com paráfrase (não cópia)"; aponta cinco falácias num texto real; monta um silogismo categórico; resolve equação do 1º grau; "distingue mito de fundação de hipótese científica sobre a origem humana". Em espanhol, usa o futuro e o condicional e lê o *Dom Quixote* adaptado.

Por quê. O Fundamental II percorre de novo a história que os Anos Iniciais contaram em cinco anos, agora comprimida e julgada: a criança que ouviu a Antiguidade aos 6 anos volta a ela aos 11 com fonte primária e lógica. A Pré-história é o teste do método: "Nunca deixe a Pré-história virar só 'o homem evoluiu': pergunte o que a ciência mede e o que ela infere." A Bíblia é estudada "de dentro da fé cristã", e o ano começa pela confiabilidade das Escrituras porque a criança vai ler Homero e os mitos ao lado de Gênesis. O filtro troca o vlog e o meme por "discurso histórico, carta e notícia impressa real". O debate ganha a sua regra: "refutar a ideia, nunca a pessoa". Os projetos: "A carta formal do leitor", "Cromatografia de caneta", "Fábula com moral" e "A Terra em camadas".

7º ano (12 anos): O Ano das Travessias

Fase e fio. Lógica, no terceiro ano de estudo, e "a Retórica formal começa a entrar: persuadir com verdade, não por truque". O fio: "Humanismo, Renascimento, Reforma, as navegações e a formação do Brasil colonial: o mundo se abre, e ela aprende a perguntar quem ganhou e quem perdeu em cada travessia." Virtudes: justiça no julgamento histórico, persuasão honesta e coragem de atravessar.

O que se estuda. As matérias do 6º ano. A Bíblia acompanha a Reforma e lê Eclesiastes. A História trata "a Igreja no Novo Mundo: missão e também erro histórico, ditos com honestidade", e o tráfico de escravizados. O Latim chega à 5ª declinação e ao subjuntivo. A Lógica ensina o silogismo hipotético, e a Retórica apresenta ethos, pathos e logos. O Português avança ao período composto. As Ciências estudam o calor, os ecossistemas brasileiros, a atmosfera e as placas tectônicas; a vacinação é "avaliada pela evidência", e o efeito estufa é "mordomia sem pânico".

Obras e leituras. A arte românica e gótica, a iluminura, os mapas e navios; Machaut, Josquin des Prez e Tallis; "A Cristo Coroa". Leituras: Reis, Profetas e Atos; Bauer, volume 2; *Ivanhoé*; a Carta de Caminha; as cartas de Lutero e as 95 teses.

Ao fim do ano. Diagrama o período composto; escreve texto persuasivo "identificando o próprio recurso retórico"; faz um discurso com os três apelos "com honestidade"; conhece 650 raízes latinas; distingue escravidão antiga, servidão medieval e escravidão moderna; explica o efeito estufa "sem alarmismo nem negação". Em espanhol, usa o subjuntivo e lê a Bíblia Reina-Valera.

Por quê. O 7º ano ensina a julgar o passado com justiça, e a pergunta-chave é "com que padrão eu meço isso: o de hoje ou o da época? Os dois importam, de jeitos diferentes." Na conquista da América houve "fé genuína e ganância genuína, coragem e crueldade", e o currículo diz as duas coisas, porque "a história não se filtra para conforto". A Retórica entra com freio: é "ferramenta de quem defende a verdade, nunca de quem manipula", e "emoção some se não houver razão por trás". A aluna aprende a reconhecer o recurso retórico no próprio texto, porque quem conhece a ferramenta não é enganado por ela. Nas Ciências, a atitude é "desconfiança saudável, não ceticismo automático". Os projetos: "Pesquisa com citação", "Quem guarda o calor", "Debate do livro" e "O efeito estufa no pote".

8º ano (13 anos): O Ano das Independências

Fase e fio. Último ano da Lógica: julgar "causa, consequência e legitimidade ao mesmo tempo". O fio: "Do Iluminismo às independências americanas e ao Brasil Império. O corpo muda, e este é o ano em que a puberdade entra no currículo, com honestidade biológica e o padrão bíblico da pureza." Virtudes: pureza, julgamento histórico maduro e domínio da própria voz.

O que se estuda. As matérias do 7º ano. A Bíblia lê Cantares, com "o desejo como dádiva, dentro do lugar certo", Rute, Ester e Daniel, e trata da fé na vida pública, "sem impor, sem se calar". O Latim chega à meia página, a 800 raízes e ao vocabulário jurídico e político. A Lógica fecha o ciclo com o argumento formal completo. A História cruza fontes conflitantes sobre as independências, o Império e a Guerra do Paraguai, e estuda as ideologias raciais "e por que são falsas". As Ciências estudam a

eletricidade, a reprodução, a Lua e as estações. A conversa sobre o corpo acontece "individualmente com o pai ou a mãe do mesmo sexo".

Obras e leituras. Canova, Friedrich e Turner; Schubert, Mendelssohn (*Sinfonia da Reforma*) e Brahms (*Um Réquiem Alemão*). Leituras: a Declaração de Independência e a Constituição dos Estados Unidos; a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão; *Oliver Twist*; *O Peregrino*; Nabuco.

Ao fim do ano. Domina as orações subordinadas; escreve ensaio persuasivo com evidência; "distingue viés de fonte"; recita um discurso histórico inteiro; aponta dez falácias "sem ajuda"; explica o legado da escravidão "sem anacronismo nem omissão". Em espanhol, lê três páginas sem dicionário ao lado.

Por quê. Aos 13 anos o adolescente já julga, e recebe material à altura: "Toda revolução teve gente de fé genuína e gente de ambição pura envolvida: nomeie as duas." A puberdade entra no ano em que o corpo muda, com uma regra que protege dos dois lados: "Toda pergunta sobre o corpo recebe resposta verdadeira, na medida da pergunta: nem mais, nem de menos." O filtro corta nas duas direções. Sai a contracepção como resposta neutra, e o padrão ensinado é a abstinência até o casamento, com os fatos biológicos "ensinados com honestidade completa". Mas sai também a "vergonha ou evasão diante da pergunta sobre o corpo". E a escravidão é chamada pelo nome: "pecado contra o próximo, feito imagem de Deus". Os projetos: "Duas fontes, um fato", "O circuito da casa de bonecas", "Ensaio persuasivo" e "As estações com lanterna".

9º ano (14 anos): O Ano do Mundo em que Vivemos

Fase e fio. Da Lógica para a Retórica: "Ela já argumenta bem; agora aprende a fazê-lo com beleza também." A matéria de Lógica passa a se chamar Retórica. O fio vai "da República brasileira a hoje", pela Revolução Russa, as duas guerras, a ditadura civil-militar brasileira, a redemocratização e o mundo pós-Guerra Fria, e "fecha o Fundamental com o teorema de Pitágoras, a evolução biológica examinada com rigor, e o primeiro projeto de vida escrito". Virtudes: sobriedade diante do mal real, projeto de vida com propósito e rigor com a própria ciência.

O que se estuda. As matérias do 8º ano. A Bíblia lê Romanos e trata da esperança da ressurreição e da vocação. O Projeto de Vida é escrito e apresentado à família. O Latim chega à página inteira, e a análise sintática fica autônoma. A História olha o Holocausto "de frente", estuda os totalitarismos, a ditadura, a Constituição de 1988, a ONU e os Direitos Humanos "e sua raiz na dignidade humana". As Ciências estudam o átomo, a luz, Mendel, o sistema solar e a seleção natural: "o que é observado, o que é inferido, e o relato de Gênesis ao lado".

Obras e leituras. Hopper, Rouault e a fotografia documental de Dorothea Lange, Sebastião Salgado e Robert Capa; Stravinsky, Vaughan Williams e Arvo Pärt; "Porque Ele Vive".

Leituras: *Vidas Secas*; *O Diário de Anne Frank*; *A Revolução dos Bichos*, de Orwell; *O Ateneu*; a carta aos Romanos.

Ao fim do ano. Escreve texto argumentativo maduro; analisa qualquer período "com autonomia total"; tem mais de mil raízes latinas, agora "ferramenta permanente, não matéria escolar"; "lê criticamente um gráfico da mídia"; distingue "o observado do inferido em evolução biológica". Em inglês, escreve ensaio de cinco parágrafos e lê um clássico

adaptado sem tradução. Em espanhol, "conversa 10 minutos em espanhol sobre a própria vida e a própria fé".

Por quê. O 9º ano revisita o século XX: "O 5º ano já narrou este trecho, na fase da Gramática. Agora, na Lógica madura, ela julga." O julgamento tem régua firme: nenhum totalitarismo recebe "simpatia seletiva", e a ditadura brasileira é estudada com a "violação de direitos humanos afirmada sem meio-termo". Os Direitos Humanos aparecem com "raiz direta na doutrina cristã da imagem de Deus". Na evolução, a aluna aprende que "o modelo muda quando a evidência muda, isso é ciência funcionando, não falhando". O ano entrega "uma aluna que já pensa formalmente", e a Retórica "vai ensiná-la a comunicar o que já sabe pensar". Os projetos: "O narrador de Vidas Secas", "Arco-íris em casa", "Clube do livro" e "Extraíndo DNA do morango".

1ª série do Ensino Médio (15 anos): O Ano da Retórica Antiga

Fase e fio. Retórica, primeiro ano. Começa a terceira volta da história, "organizada por Filosofia + Grandes Livros": a Antiguidade e a Idade Média, a filosofia antiga, César e Cícero em latim, o Barroco e o Arcadismo. São 29 lições por semana. Virtudes: sabedoria diante da ideia grega, beleza a serviço da verdade e autonomia com prestação de contas.

O que se estuda. Bíblia e Cosmovisão; Latim; Filosofia, que entra agora; Língua Portuguesa e Literatura; Inglês; Matemática; Física, Química e Biologia, com um módulo de Prática Científica; Geografia; História e Ciências Humanas; Artes e Música; Projeto e Lar; Espanhol. A Bíblia abre com "Atos 17: Paulo entre os filósofos" e com o Logos de João 1. A

Filosofia percorre os pré-socráticos, Sócrates, Platão e Aristóteles, e a aluna escreve um diálogo socrático próprio. A redação chega à dissertação de vestibular, com repertório "construindo o próprio, não decorando pronto". Darwin é lido num trecho da fonte, com Gênesis 1 e 2 ao lado, e a eugenia e o racismo científico são "estudados de frente". O debate vira Seminário.

Obras e leituras. A arquitetura clássica, Velázquez e Vermeer; Purcell, Corelli e o *Miserere* de Allegri. Leituras: a *Apologia de Sócrates*; a *Ética a Nicômaco*; as *Confissões*; o *Sermão da Sexagésima*, de Vieira; o *Inferno* de Dante.

Ao fim do ano. Escreve dissertação "nível ENEM/vestibular"; lê uma obra barroca e uma árcade em edição integral; conduz um seminário; traduz um trecho real de César ou de Cícero; explica "o salto dos pré-socráticos (do mito ao logos)"; sustenta um debate político "com argumento formal". Em inglês, lê Lewis ou Chesterton no original. Em espanhol, o *Cantar de mio Cid* e o *Lazarillo de Tormes*.

Por quê. A BNCC do Ensino Médio não diz o que cabe a cada série, e a divisão segue a lógica dos grandes livros: primeiro os antigos, porque o resto da tradição conversa com eles. Nas Ciências Humanas, "a casa forma caráter e julgamento primeiro", e os documentos avisam: "Isso não é neutralidade." Os temas da Base entram todos; muda a postura. "Toda ideia filosófica lida na fonte, nunca só num resumo", porque o resumo já traz a opinião de quem resumiu. A aluna às vezes defende uma posição que não escolheria, o que "treina entender antes de refutar". E Aristóteles fecha o ano porque ela pratica a lógica dele "desde o 5º ano sem saber o nome disso". Os projetos: "Medindo a gravidade", "A função da minha conta de luz", "Vieira e a arte do sermão", "Densidade em torre", "Trigonometria da árvore" e "Pastoral árcade".

2ª série do Ensino Médio (16 anos): O Ano da Razão Moderna

Fase e fio. Retórica, segundo ano: a aluna "argumenta citando Descartes, Locke, Kant, não só 'segundo especialistas'". O fio: "Do Renascimento ao Iluminismo: a razão humana tentando se bastar. É o ano que explica por que a modernidade se acha capaz de tudo, e onde a fé responde ao orgulho da razão sozinha." Virtudes: humildade diante da razão, compromisso com a instituição justa e precisão na linguagem técnica.

O que se estuda. As matérias da 1ª série. A Bíblia lê 1 Coríntios 1 e 2, e o ano lê Pascal. O Latim vira latim científico, com trechos adaptados das *Meditationes* de Descartes e dos *Principia* de Newton. A Filosofia lê Descartes, Bacon, Locke, Hobbes, Rousseau e Kant, e compara os contratos sociais "com a doutrina bíblica da natureza humana". A Literatura lê *Os Lusíadas*, e lê por inteiro o Romantismo e o Realismo. A Biologia chega ao DNA, e a Revolução Científica é estudada como "o método, não 'razão contra fé'".

Obras e leituras. Caravaggio, Poussin e Constable; Bruckner, César Franck e Fauré. Leituras: o *Discurso do Método*; os *Pensamentos* de Pascal; o *Segundo Tratado sobre o Governo Civil*, de Locke; *Memórias Póstumas de Brás Cubas*; *Os Sertões*.

Ao fim do ano. Escreve dissertação "citando fonte filosófica/histórica com precisão, não decorada"; sustenta um debate entre dois filósofos opostos; lê um trecho científico do século XVII em latim; compara Hobbes, Locke e Rousseau; domina a genética molecular. Em inglês, lê Shakespeare e a King James. Em espanhol, o *Dom Quixote* no original.

Por quê. A modernidade costuma apresentar só duas imagens do homem: Rousseau, com a bondade natural, e Hobbes, com a maldade natural, "tratados como as duas únicas opções". A Bíblia oferece uma terceira: o homem foi criado bom, caiu e pode ser redimido. Com ela na mão, a aluna lê os dois sem se render a nenhum. A Revolução Científica não é contada como vitória da razão sobre a fé, porque aconteceu "dentro de um mundo que a maioria via como criação ordenada e por isso estudável". E o ano tem uma disciplina de linguagem: "'Medido' e 'deduzido' são palavras diferentes, o ano inteiro, em toda matéria." Os projetos incluem "O motor mais simples do mundo", "Probabilidade no tabuleiro", "Romântico x realista" e "O casamento que o dinheiro não compra", que lê *Senhora* ao lado de Efésios 5.

3ª série do Ensino Médio (17 anos): O Ano da Resposta

Fase e fio. Retórica, último ano: "este ano ela usa as duas coisas para dar a própria resposta, não mais repetir a de outro". O fio: "Nietzsche anuncia a morte de Deus; Marx promete o paraíso na terra; o século XX prova o custo de ambos. Kierkegaard responde de dentro da fé. O ano fecha com o Projeto de Vida virando decisão real." Virtudes: convicção com humildade, coragem diante do niilismo e serviço como alvo final.

O que se estuda. As matérias das séries anteriores, com Geografia e Ciências Humanas de um lado e História do outro. A Bíblia lê Colossenses 1 e 2 e Jó, e a aluna constrói a própria apologética. A Filosofia lê Hegel, Marx, Kierkegaard, Nietzsche, Sartre e Camus. A aluna escreve uma monografia e a defende oralmente, e aprende a checar fontes e a reconhecer a desinformação digital. A Literatura chega ao Modernismo e às literaturas africana de língua portuguesa e latino-americana, e as Ciências, à física moderna e à bioética, com a "dignidade desde a concepção". O Latim deixa de avançar em gramática nova e vira fechamento, com o glossário pessoal dos termos latinos que a aluna usa nas outras matérias, e aparece onde a língua ainda vive, como no *Requiem aeternam* da música sacra.

Obras e leituras. A arte sacra brasileira, Andrei Rublev e "a pergunta do belo hoje"; Messiaen, John Tavener e Ola Gjeilo; "Eis-me Aqui, Envia-me". Leituras: *O Manifesto Comunista*; *Além do Bem e do Mal*; *Temor e Tremor*; "O Grande Inquisidor", de Dostoiévski; *Cristianismo Puro e Simples*; *Grande Sertão: Veredas*.

Ao fim do ano. Os marcos são de formatura. A aluna defende a monografia; explica Nietzsche "e articula a resposta cristã, sem escapar da pergunta"; discute bioética "a partir da dignidade humana, não só da viabilidade técnica"; defende o Projeto de Vida "com o primeiro passo real já em andamento"; percorre a Linha do Tempo inteira "narrando de cor". Em inglês, "já usou a língua para servir alguém". Em espanhol, lê *La vida es sueño* e Unamuno, e fecha cantando "Cristo me ama", a cantiga do Maternal.

Por quê. O último ano enfrenta, na fonte, as filosofias que negam tudo o que o currículo afirmou: "Ler o niilismo na fonte, sentir o peso real da pergunta, e só depois articular a resposta cristã: não pular a pergunta." Marx é lido ao lado do relato da queda, porque "a injustiça vem do pecado, não só da estrutura econômica". Colossenses fecha a Bíblia do

currículo porque "é a tese que sustentou o método o tempo todo, agora dita por ela". A formação termina em serviço, e o espanhol termina na cantiga do Maternal para que a aluna veja o arco inteiro. Os projetos: "O sistema solar em escala", "Estatística de verdade", "Química da cozinha", "Juros da vida real" e a monografia, do projeto à defesa.

Três línguas além do português

A criança termina o Ensino Médio tendo convivido com três línguas além da sua: o inglês, todos os anos, pela fala; o espanhol, numa aula por semana do Maternal à 3ª série; e o latim, do 3º ano ao Ensino Médio. Nenhuma é ensinada como sinal de status.

Inglês: a língua aprendida como se aprendeu a primeira

O método foi destilado do documento *Inglês na Educação Domiciliar*, que reúne o que ensinam Adelaide Olguin (TalkBox.Mom), Rachel (Seven in All Family) e Ana Clara (Prática de Homeschooling no Brasil). O diagnóstico: o mapa errado "começa por gramática, por lista de vocabulário, por cores, números e o ABC. O problema não é falta de esforço: é a ordem." Afinal, "quando a criança começou a aprender cores e números, ela já falava". O mapa certo copia o jeito como a mãe ensina a primeira língua: frases inteiras, "na hora em que a vida acontece".

O método é um triângulo. Na base, ouvir e falar; acima, a leitura e a cópia; depois o ditado; depois a gramática, que fica "fácil: já há exemplos na boca"; no topo, a composição. "Pular a base é a causa número 1 de travar." A criança trabalha de uma a cinco frases-foco por vez, porque com poucas frases bem repetidas "o cérebro extrai" a regra. O áudio está sempre presente. O erro é devolvido certo, sem ser apontado, porque "o estresse piora a escuta dos sons". E "constância vence intensidade": todo dia a família escolhe a frase, pratica com o áudio e a usa na vida real.

Etapa	O verbo da fase	Onde a criança chega
Maternal	Ouvir e cantar	18 frases e cantigas; reconhece o inglês como "uma língua da casa"
Pré-escola I e II	Falar e brincar	cerca de 40 frases aos 4 anos e 75 aos 5; responde em inglês
1º ao 5º ano	Ler e copiar	lê e copia as frases-foco, encena diálogos; no 5º, passado e futuro
6º ao 9º ano	Escrever e entender	ensaio de cinco parágrafos, debate curto, clássico adaptado sem tradução

Etapa	O verbo da fase	Onde a criança chega
Ensino Médio	Compor e servir	livro inteiro no original e ter "usado a língua para servir alguém"

Até o 5º ano o inglês vive na rotina: a mesa, a cozinha, a higiene, o brincar, o ar livre, a hora de dormir. Do 6º ano em diante vira temas, "porque o aluno precisa de assunto para ter o que dizer", e o vocabulário vem "pela leitura, nunca por lista". Nos primeiros anos, avaliar é "observar a criança usando a frase na rotina". O exame internacional, no Ensino Médio, é "opcional e servil".

A cosmovisão distingue o método. Nas palavras de Rachel, "aprender uma língua é uma das melhores formas de amar o próximo". O inglês abre também a grande tradição cristã: os hinos de Wesley e de Newton, Bunyan, a King James, Lewis e Chesterton. E "a criança continua brasileira": o filtro recusa o inglês como marca de superioridade, o "cidadão do mundo" desenraizado ("Aprendemos para hospedar, não para fugir") e o aplicativo como professor ("A língua se aprende entre pessoas"). A BNCC só prevê inglês a partir do 6º ano; antes, ele é enriquecimento.

Espanhol: a língua do vizinho

O espanhol tem uma aula por semana nos quinze anos: 540 aulas, das quais 60 de revisão e 60 semanas culturais. O método vem do documento *Qual o melhor método para ensinar Espanhol em casa*. É a única matéria sem versão em inglês, e os seus flashcards são em português e espanhol.

O método muda três vezes, porque a criança muda. Do Maternal ao 3º ano, é Charlotte Mason: cantigas, poemas, histórias vivas e narração, e "a gramática é invisível". Do 4º ao 8º, é o ensino por histórias (TPRS): "uma história curta e muito compreensível por semana, com 3 estruturas-alvo repetidas em perguntas simples" (*¿Tomás tiene un perro o un gato? ¿Quién tiene un perro?*), e "a repetição é o método". Do 9º ano à 3ª série, é a conversa real, a redação, o debate e a literatura no original. A razão: "Criança pequena aprende língua de ouvido, sem regra. Adolescente quer entender a regra e usar a língua para dizer coisas de verdade."

O ano tem quatro blocos de nove semanas: sete de conteúdo novo, uma de "revisão ativa. Nada novo" e uma semana cultural, com "zero apostila". E oportunhol é enfrentado de frente, porque "quem entende sem esforço acha que já fala, e fala português com sotaque":

os sons que o português não tem, os falsos amigos (*exquisito, embarazada*) e as palavras que mudam de gênero (*la leche, el puente*).

A razão de aprender é o próximo. "O espanhol é a língua do vizinho": o Brasil faz fronteira com sete países de língua espanhola, e "aprendemos para receber à mesa e servir". A primeira Bíblia inteira em espanhol, de Casiodoro de Reina, de 1569, "nasceu da fé perseguida". O filtro recusa o sincretismo apresentado como cultura e o revolucionário romantizado, e os clássicos que criticam a fé são lidos "com discernimento". A BNCC não tem espanhol desde a Lei 13.415/2017; as leituras vão dos poemas de Martí no 2º ano ao *Dom Quixote* no original na 2ª série.

Latim: a engenharia reversa do português

O Latim entra no 3º ano e segue até o Ensino Médio. "Metade do português vem dele; e a declinação ensina sujeito e objeto melhor que qualquer aula de sintaxe." São 20 minutos por dia, porque "três vezes por semana não fixa nada", e um Caderno de Latim em três colunas: a palavra latina, o significado e as palavras portuguesas que vieram dela. "A terceira coluna é o motor. Sem ela o latim vira decoreba morta."

A progressão se conta em raízes e textos: 150 palavras no 3º ano, 300 no 4º, 500 no 5º, 650 no 7º, 800 no 8º, mais de mil no 9º, quando o latim vira "ferramenta permanente, não matéria escolar". No Fundamental II ele "passa a ser leitura"; na 1ª série, César e Cícero; na 2ª, o latim científico de Descartes e Newton; na 3ª, o fechamento. O filtro recusa a religião romana como fé neutra e o latim como "cultura para poucos": aqui ele "é ferramenta prática: cada palavra abre o português".

Como cada lição foi escrita e conferida

Um currículo de quase quinze mil lições só merece confiança se cada lição seguir o mesmo padrão e se alguém conferir que seguiu.

O padrão de toda lição

Toda lição tem texto variado, atividades com gabarito, atividade de tela, flashcards em português e em inglês, versão em inglês e áudio. O padrão foi declarado imutável: aula sem flashcards não está pronta, e flashcards só em português também não. As exceções têm razão: o Maternal não tem versão em inglês, porque ali o inglês vive na canção; o Maternal e o Pré I não têm atividade de tela; e as aulas de espanhol não têm versão em inglês.

- **O texto** é "auto-suficiente", na voz de quem dá a razão: "faça X porque Y", "sem moralismo, sem enchimento".
- **O gabarito** "fala com o pai, explicando o mecanismo, o erro comum e o que não fazer".
- **A atividade de tela** "avalia o objetivo da lição, e nada além", e termina no caderno, porque "a tela nunca substitui o caderno".
- **Os flashcards** saem do texto da aula: "Nada é inventado."
- **As imagens** vêm dos acervos, sempre com crédito, e as frases de análise sintática, de livros reais.
- **A Bíblia** é citada na Almeida Revista e Atualizada, a mesma em todos os anos, porque trocar de tradução atrapalha a criança que decora o versículo.

O que se conferiu

O padrão é conferido por programas que contam cada camada, lição por lição. A contagem de 17 e 18 de setembro de 2026:

Camada	Resultado
Lições escritas	14.818
Lições com flashcards	14.818 de 14.818
Lições com versão em inglês	13.954 (o Maternal e as aulas de espanhol não têm, por decisão)

Camada	Resultado
Atividades de tela	13.738, da Pré-escola II à 3ª série
Narrações da aula em inglês	13.968
Frases e cartas com áudio	122.168 em inglês e 1.476 em espanhol
Flashcards	28.551 conjuntos e 241.271 cartas

O que se aprendeu com as famílias

Toda lição concluída pode receber de uma a cinco estrelas e uma resposta a "o que faria diferente", que "vai direto para quem escreve o currículo". E várias regras nasceram de casos reais: a janela de download do plano mensal foi ampliada quando uma família não conseguia baixar a semana que estava estudando, e a prova de nivelamento passou a mostrar só o que de fato foi liberado depois que uma família leu "adiante" numa matéria que não recebeu.

O que a pesquisa mostra

Os documentos do currículo não foram escritos a partir de experimentos de laboratório. Nasceram da tradição clássica, de Charlotte Mason e da experiência de famílias. Mas as práticas que eles fixaram foram estudadas por outras mãos, e a pesquisa externa, consagrada na ciência cognitiva e na aquisição de línguas, confirma que funcionam. Ela não foi a fonte do currículo; é a confirmação de que a tradição tinha razão.

Esquecer é a regra, e a revisão espaçada a vence

Em 1885, Hermann Ebbinghaus publicou *Über das Gedächtnis (A memória)*, o primeiro estudo experimental da memória. Decorando listas de sílabas sem sentido, descobriu que o esquecimento é rápido logo depois de aprender e depois desacelera, e que repetições espalhadas por vários dias rendem mais do que as mesmas repetições num dia só. Em 2006, Nicholas Cepeda e colegas reuniram um grande conjunto de experimentos na *Psychological Bulletin* e confirmaram: a prática distribuída vence a concentrada, e quanto mais tempo se quer lembrar, maior deve ser o intervalo entre as revisões.

O currículo pratica isso: a revisão espiral do inglês, a semana de revisão do espanhol a cada nove, o latim diário, a palavra errada que volta no ditado seguinte e a aba Memorização, que calcula o dia de rever cada cartão.

Lembrar ensina mais do que reler

Em 2006, Henry Roediger e Jeffrey Karpicke publicaram na *Psychological Science* um experimento simples. Estudantes leram textos curtos; uma parte releu, outra escreveu tudo o que lembrava, sem consultar. Logo depois, os que releram lembravam um pouco mais; dias depois, a vantagem se inverteu, e quem tinha puxado da memória lembrava bem mais. Em 2013, John Dunlosky e colegas avaliaram dez técnicas de estudo na *Psychological Science in the Public Interest*: só duas receberam a nota mais alta, a prática de testagem e a prática distribuída. Reler e grifar ficaram entre as de utilidade baixa.

O experimento de Roediger e Karpicke é quase uma descrição da narração: a criança "conta tudo o que consegue lembrar", sem o livro aberto. Os flashcards, o ditado, a recitação e as provas trimestrais são outras formas do mesmo exercício. O currículo não manda grifar nem reler o resumo: manda contar.

Explicar com as próprias palavras

Em 1994, Michelene Chi e colegas publicaram na *Cognitive Science* um estudo com alunos do 8º ano que liam um texto sobre o sistema circulatório. Os que foram instruídos a explicar para si mesmos cada frase entenderam melhor do que os que leram duas vezes, e os que mais explicaram foram os que mais aprenderam. A narração não é idêntica a essa autoexplicação, mas pede o mesmo: transformar o que se ouviu em palavras próprias, na ordem certa, sem ajuda. Quem precisa dizer o que entendeu descobre o que não entendeu.

Imagem e palavra, mão e letra

Em 1971, Allan Paivio expôs em *Imagery and Verbal Processes* a teoria da dupla codificação: a memória guarda as coisas pelo caminho verbal e pelo visual, e o que chega pelos dois é lembrado melhor. É a razão do desenho dos flashcards, com a ilustração na frente sob a pergunta, e das folhas inteiramente ilustradas nos primeiros anos.

Em 2012, Karin James e Laura Engelhardt publicaram na *Trends in Neuroscience and Education* um estudo com crianças de 4 e 5 anos que ainda não liam. Elas praticaram letras escrevendo à mão livre, digitando ou traçando por cima de um modelo. Depois, ao ver letras, só as treinadas pela escrita à mão livre ativaram com força as regiões do cérebro que os leitores usam para ler. O achado dá razão à cópia à mão como prática diária, e avisa que cobrir o pontilhado não basta: a letra precisa ser escrita pela própria mão da criança.

A língua entra pelo ouvido que entende

Em 1982, Stephen Krashen publicou *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. A língua se adquire, diz ele, quando a pessoa entende mensagens um pouco acima do que já sabe, o input compreensível; e a ansiedade funciona como um filtro que bloqueia a aquisição. As duas ideias estão no método: frases em contexto, com áudio, e a correção sem estresse. E há uma aplicação que talvez seja a mais forte do currículo: a criança ouve em inglês uma aula cujo conteúdo já aprendeu em português. O assunto é conhecido, e por isso a língua fica compreensível. O currículo não segue Krashen até o fim: ele via pouco papel para a gramática explícita, e o método da casa junta "input compreensível + ensino direto".

Em 1969, James Asher descreveu no periódico *The Modern Language Journal* a Resposta Física Total (TPR), em que o aprendiz responde com o corpo a comandos na língua nova, e encontrou vantagem na compreensão auditiva; no currículo, "o corpo se mexe com a frase" desde a Pré-escola. Em 1997, Blaine Ray e Contee Seely levaram o TPR às histórias em *Fluency Through TPR Storytelling*: é o método do espanhol do 4º ao 8º ano.

A idade decide a forma

Em 1947, Dorothy Sayers leu em Oxford o ensaio *The Lost Tools of Learning*, em que propôs que a gramática, a lógica e a retórica correspondem a três fases da criança: a que decora com prazer, a que discute e a que quer se expressar. Em 1999, Jessie Wise e Susan Wise Bauer fizeram disso um programa de educação em casa em *The Well-Trained Mind*, com a história do mundo contada em ciclos que se repetem com mais profundidade. O Educando em Casa segue a mesma divisão e muda o ritmo: o primeiro giro da história tem cinco anos, o segundo quatro e o terceiro três. Charlotte Mason, em *Home Education* (1886), o primeiro dos seus seis volumes, defende as lições curtas, a narração, os hábitos, os livros vivos e muitas horas ao ar livre, e o currículo a segue.

O que a pesquisa não diz

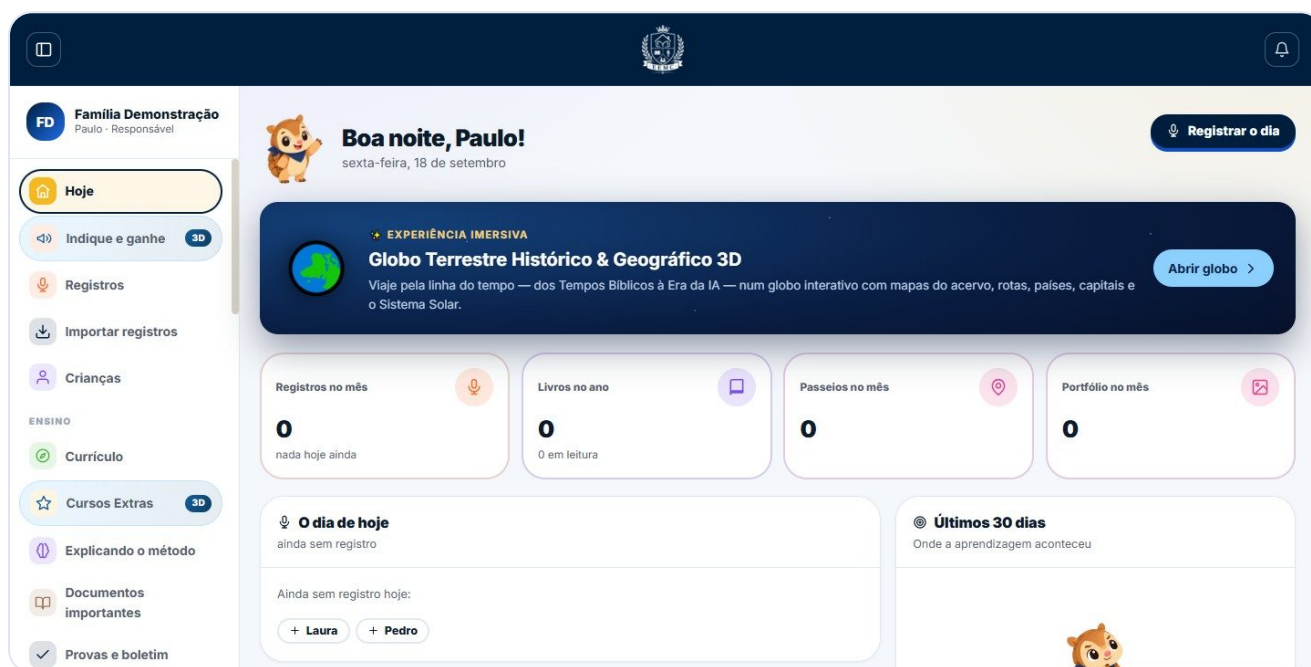
Os estudos mostram tendências em grupos, e não garantias para cada criança, e nenhum deles avaliou este currículo. Nem respondem às perguntas que mais importam: o que é verdadeiro, o que é bom e para que se aprende. A ciência cognitiva explica por que a narração fixa a lição de História; não explica por que vale a pena saber que Wilberforce lutou contra a escravidão. O currículo usa a pesquisa como confirmação, e não como bússola.

A plataforma que sustenta a família

A plataforma existe para que um currículo de quinze anos caiba no dia de uma família real, e cada ferramenta responde a uma das faltas descritas no começo desta tese.

O dia começa no Hoje

A primeira tela do painel é o Hoje: o plano do dia, os compromissos, o livro em leitura, o devocional, os hábitos e os últimos 30 dias. A regra de desenho é que a tela "cabe numa olhada", e "nada que cobre". O pai abre o painel para saber o que fazer, e não para se sentir em dívida.



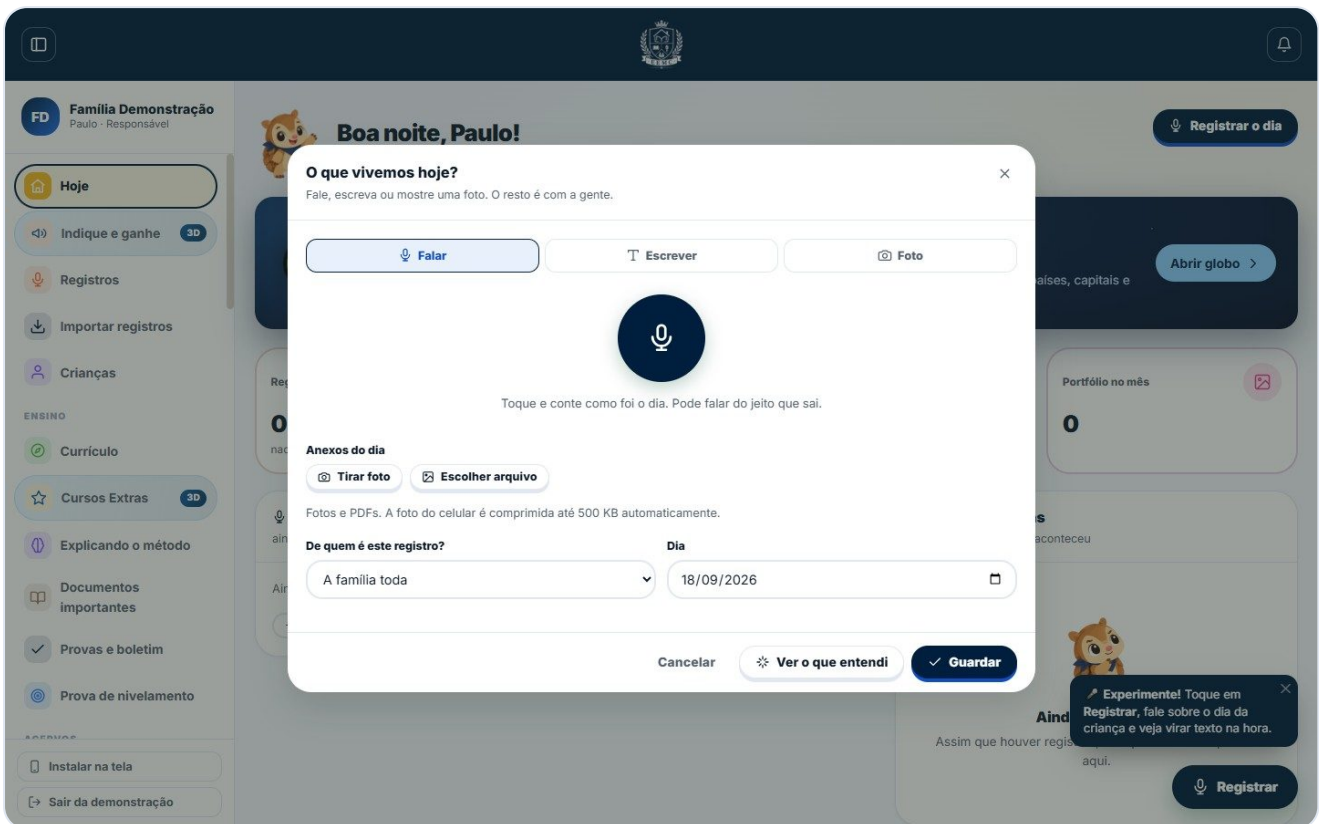
O painel da família na tela Hoje: o botão "Registrar o dia" e o cartão do Globo Terrestre Histórico e Geográfico 3D, que abre a história e a geografia do mundo numa esfera que a criança gira.

O registro do dia, falando

O código chama esta de "a tela mais importante do produto", porque o ano que não deixa registro não pode ser mostrado. O pai, no fim do dia, está cansado, e digitar é a barreira que faz muito diário ser abandonado. Por isso o registro se faz falando.

O botão Registrar abre a janela "O que vivemos hoje?": "Fale, escreva ou mostre uma foto. O resto é com a gente." Na aba Falar, o pai toca no microfone e conta o dia; o aparelho grava o áudio e, ao mesmo tempo, escreve o que foi dito. A gravação para sozinha em cinco minutos, "o limite do bom senso". Onde o navegador não transcreve, como no iPhone, a tela

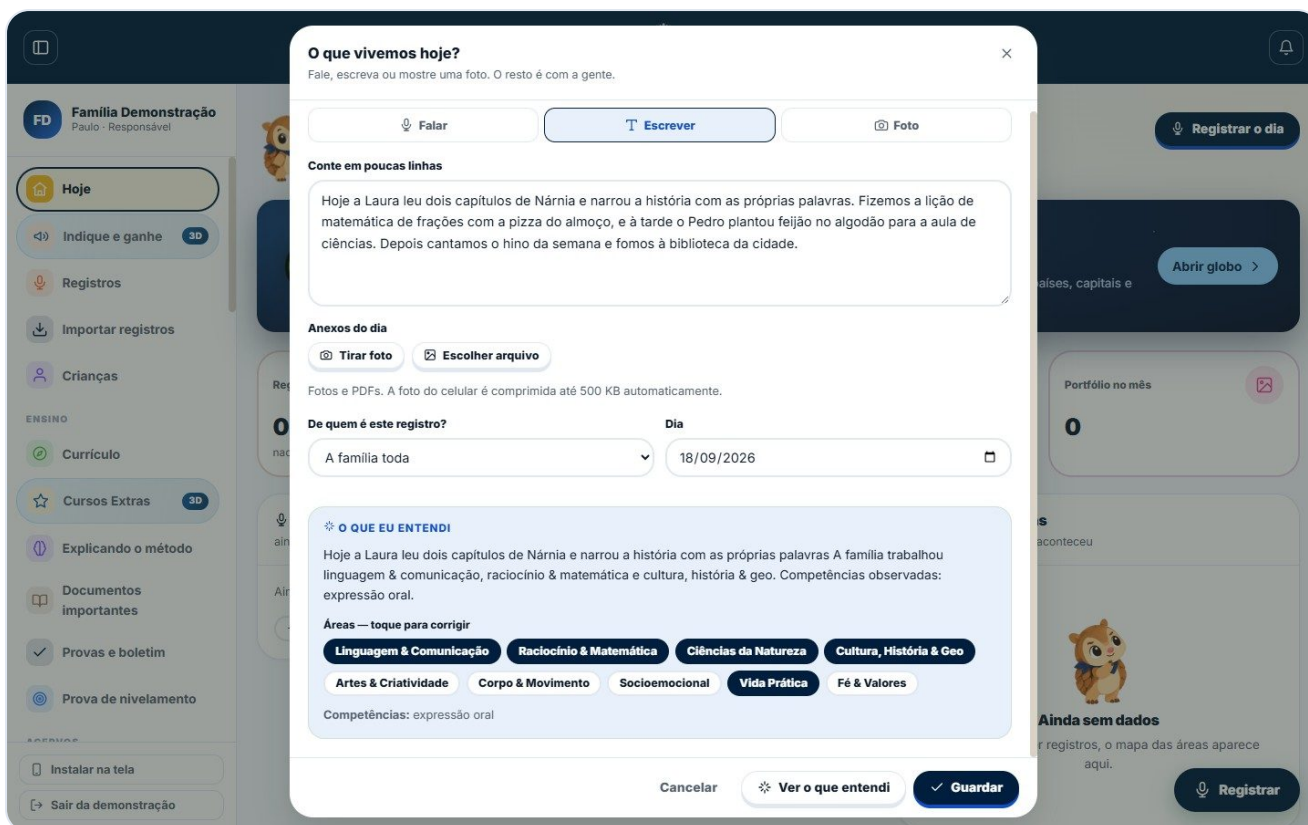
ensina a usar o microfone do teclado ou oferece uma transcrição que roda no próprio aparelho, sem internet, e em que "o áudio nunca sai do aparelho".



A janela "O que vivemos hoje?" aberta na aba Falar, com as abas Falar, Escrever e Foto, o espaço para anexos, a escolha de quem é o registro e o dia a que ele pertence.

A janela aceita fotos e documentos, e um só registro vale para vários filhos, porque obrigar o pai a digitar a mesma coisa três vezes "é a forma mais rápida de ele parar de registrar". Sem internet, o registro fica no aparelho e sobe depois.

O botão "Ver o que entendi" transforma o relato em registro pedagógico: um resumo do dia, as áreas de aprendizagem que ele tocou e as competências. As áreas são nove: Linguagem e Comunicação; Raciocínio e Matemática; Ciências da Natureza; Cultura, História e Geografia; Artes e Criatividade; Corpo e Movimento; Socioemocional; Vida Prática; e Fé e Valores. São áreas, e não disciplinas, porque muito do que uma criança pequena aprende acontece na vida prática e na convivência.



O mesmo registro escrito, depois de "Ver o que entendi": a plataforma resume o dia e marca as áreas tocadas, como Linguagem e Comunicação, Raciocínio e Matemática, Ciências da Natureza, Cultura, História e Geografia e Vida Prática, além das competências trabalhadas.

A leitura não é feita por inteligência artificial, mas por um motor de regras fixas sobre um vocabulário em português escolhido à mão, porque "o mesmo registro sempre produz a mesma leitura". E a última palavra é da família, que corrige cada área com um toque: "o motor sugere; quem sabe é a mãe". Quando o pai conclui uma lição do currículo, "a lição vira registro do dia" sozinha.

Do registro ao documento

Frequência e Carga horária é "o único documento do sistema que pode ser exigido por alguém de fora da casa: conselho tutelar, secretaria de educação, juiz. A tela é sóbria de propósito." O dia letivo é contado pelo registro, pelo cronômetro de foco e leitura, pelo passeio e pela sessão de leitura. E o relatório não mente: "Onde não houver minuto informado,

ele diz isso, em vez de estimar: um relatório que arredonda para cima é um relatório que a família não pode assinar."

Desenvolvimento mostra um radar pelas nove áreas, que "não tem nota, tem frequência".

Portfólio guarda os trabalhos com foto. E o **Livro do Ano** junta tudo num livro com capa, abertura e fecho escritos pela família, o ano em números, a frequência, os marcos, os projetos e a seção "O currículo cumprido": "Para um pai que precisa PROVAR o ano, ao conselho tutelar, à família que duvida, a si mesmo em dezembro, esta é a página que mais vale: quantas lições, de que matérias, em quantas semanas." A frequência do Livro vem da mesma conta do relatório, para que os números nunca divirjam.

A trilha, a semana e a lição

Cada criança tem uma matrícula própria: "ninguém pula etapa; a promoção é calculada, não escolhida; uma criança não abre conteúdo de outro ano". A semana é a unidade de trabalho: as matérias com as suas lições, o versículo e o hino do mês, o quadro da semana, o compositor do trimestre, os materiais para imprimir e a apostila em PDF.

Família Demonstração
Paulo - Responsável

Demonstração · semana 1 de cada ano, por inteiro 15 anos · dos 2 aos 17

Maternal 2 e 3 anos, Pré-escola I 4 anos, Pré-escola II 5 anos, 1º ano 6 anos, 2º ano 7 anos, 3º ano 8 anos, **4º ano 9 anos**, 5º ano 10 anos, 6º ano 11 anos, 7º ano 12 anos, 8º ano 13 anos, 9º ano 14 anos, 1ª série 15 anos, 2ª série 16 anos

3ª série 17 anos

< Trilha do ano

Semana 1 1º trimestre · 0 de 23 lições feitas

Semana 2 > [Baixar em PDF](#)

HISTÓRIA DO MUNDO
O Iluminismo: a razão no trono

LÍNGUA PORTUGUESA
Análise sintática: sujeito, predicado, objeto direto e indireto

LATIM
2ª declinação

MATEMÁTICA
Números até 100.000 e as quatro operações revisadas

CIÊNCIAS
A matéria: estados físicos e mudanças de estado

GEOGRAFIA
O Brasil físico: relevo, clima, vegetação e bacias hidrográficas

VERSÍCULO DO MÊS
"No principio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus." — João 1.1

HINO DO MÊS
Hino da Alegria (Beethoven)

QUADRO
O Juramento dos Horácios, de Jacques-Louis David

MÚSICA
Sinfonias nº 5 e nº 6 (Pastoral) — Ludwig van Beethoven

Materiais complementares para imprimir
Não são as lições — a lição sai no botão "Baixar em PDF". Estas são folhas extras sobre o que ela está aprendendo na semana 1: para cobrir, pintar, recortar e colar. Preto e branco, ou colorido. [Ver os materiais >](#)

[Instalar na tela](#) [Sair da demonstração](#)

A semana é sua — organize do seu jeito

A Semana 1 do 4º ano: História do Mundo, Língua Portuguesa (análise sintática), Latim (2ª declinação), Matemática, Ciências e Geografia; o versículo do mês (João 1.1), o hino do mês (Hino da Alegria), o quadro (O Juramento dos Horácios, de David) e a música (Beethoven); o cartão "Materiais complementares para imprimir" e o botão "Baixar em PDF".

A família pode arrastar lições entre os dias sem perder o progresso: o currículo propõe a ordem, a casa decide o ritmo. A lição abre com o passo a passo para o pai e um cronômetro de "Lição curta", e traz o código da BNCC, o texto para ler em voz alta, as atividades com gabarito, a atividade de tela, os flashcards e, em História, Geografia e Bíblia, o botão que abre o globo na época certa. Para quem ainda não lê há o Modo Criança, um passo por vez, com o Tito, o tatu mascote da plataforma.

O currículo bilíngue e o áudio

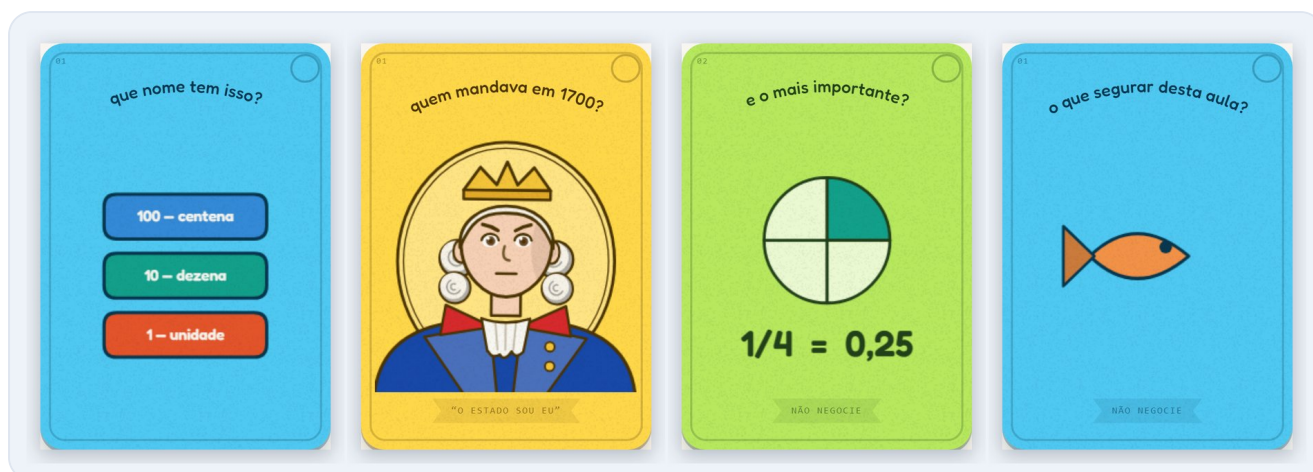
No alto de toda lição há um seletor PT e EN. Em EN, a lição inteira aparece em inglês: não é legenda, é "a mesma lição escrita para se ler em voz alta". Junto vem o player "Ouvir a aula inteira em inglês", com pausa, recuo e avanço, barra de progresso e velocidade, e a frase que está sendo lida acende no texto.

Uma lição de História aberta, "O Iluminismo: a razão no trono": o passo a passo, a "Lição curta" com cronômetro de 40 minutos, a ficha com o código da BNCC (EF04HI03) e o texto em inglês, "The Enlightenment: Reason on the Throne", com o seletor PT e EN e o player "Ouvir a aula inteira em inglês".

A voz é neural, com pronúncia americana no inglês e mexicana no espanhol: a mesma pronúncia clara em todas as lições, disponível a qualquer hora, inclusive para o pai que não fala inglês. São 13.954 lições com versão em inglês, 13.968 narrações, 122.168 frases e cartas em inglês com áudio e 1.476 frases em espanhol, num total de 151.589 arquivos de som. A razão foi dada no capítulo da pesquisa: a criança ouve em inglês um assunto que acabou de aprender em português, e por isso entende.

Flashcards em toda lição, e a Memorização

Toda lição tem flashcards em português e em inglês: carta em pé, ilustração na frente sob a pergunta, explicação no verso, tudo tirado da própria aula. No Maternal, uma carta por dia da semana; no espanhol, cartas em português e espanhol. Cada carta tem um botão de ouvir.



Quatro cartas de flashcards de lições reais: o valor posicional, "quem mandava em 1700?" com Luís XIV, a fração $1/4 = 0,25$ e "o que segurar desta aula?".

A criança vira a carta, embaralha e marca as que quer rever, e o pai imprime tudo em frente e verso. A marcação vale enquanto a página está aberta, e esses flashcards não têm agenda de revisão. São 241.271 cartas.

A repetição espaçada mora na aba Memorização. Ali a família cria os próprios cartões com o que quer guardar por anos, e a plataforma calcula o dia de rever cada um pelo algoritmo SuperMemo 2, de 1987, o mesmo motor por trás do Anki: quem erra revê no dia seguinte; quem acerta revê em um dia, depois em seis, depois em intervalos maiores. A conta é feita no servidor, porque "a mãe revisa no celular na fila do mercado e o filho revisa no tablet à noite". E a tela repete o que a pesquisa confirma: "Uma sessão de cinco minutos por dia rende mais que uma hora no domingo."

Os materiais para imprimir e a apostila

Cada semana de cada ano tem materiais complementares para imprimir: folhas para cobrir, pintar, recortar e colar nos anos pequenos; mapa mudo, linha do tempo e roteiro de experimento nos maiores. A receita é fixa: uma capa, que é do pai, e dezessete páginas de trabalho, porque antes "cada semana rendia o que rendia: 3 folhas numa turma, 37 noutra". A ilustração diminui com a idade, porque o que a criança pequena vê precisa ser visual, e o adolescente precisa de espaço para escrever:

Etapa	Páginas ilustradas	Páginas de escrita
Maternal e Pré-escola	17	0
1º ao 3º ano	9	8

Etapa	Páginas ilustradas	Páginas de escrita
4º e 5º ano	7	10
6º ao 9º ano	5	12
Ensino Médio	3	14



FOLHAS DA SEMANA

PRÉ-ESCOLA II · 5 ANOS

Semana I

O bebê no cesto · P — PA PE PI PO PU

ALUNO **Maria Silva**

O QUE ESTA SEMANA ENSINA

HISTÓRIA BÍBLICA

O bebê no cesto

FÔNICA DA SEMANA

P — PA PE PI PO PU

MATEMÁTICA

Contagem até 30, ordinais e correspondência

CIÊNCIAS

O corpo humano por fora: partes e funções

HISTÓRIA

A minha história e a dos meus avós

GEOGRAFIA

Da minha casa ao meu bairro: mapas de verdade

AS FOLHAS

- A letra da semana**
Cobrir a maiúscula e a minúscula, e escrever sozinha
- As sílabas da família**
Cobrir a cartela inteira, dizendo cada sílaba em voz alta
- Circule o que começa com a letra**
Julgar pelo som, sem a palavra escrita para ajudar
- Recorte — as sílabas**
Folha de peças. Um lado só
- Recorte — montar as palavras**
Folha-base. Cola as sílabas e lê o que montou
- Quantos faltam para dez**
A forma de dez lugares, em duas fileiras de cinco
- A fita dos números**
Recortar e emendar. As viradas de dezena marcadas
- A história da semana**
A cena para pintar ou desenhar, com o versículo do mês

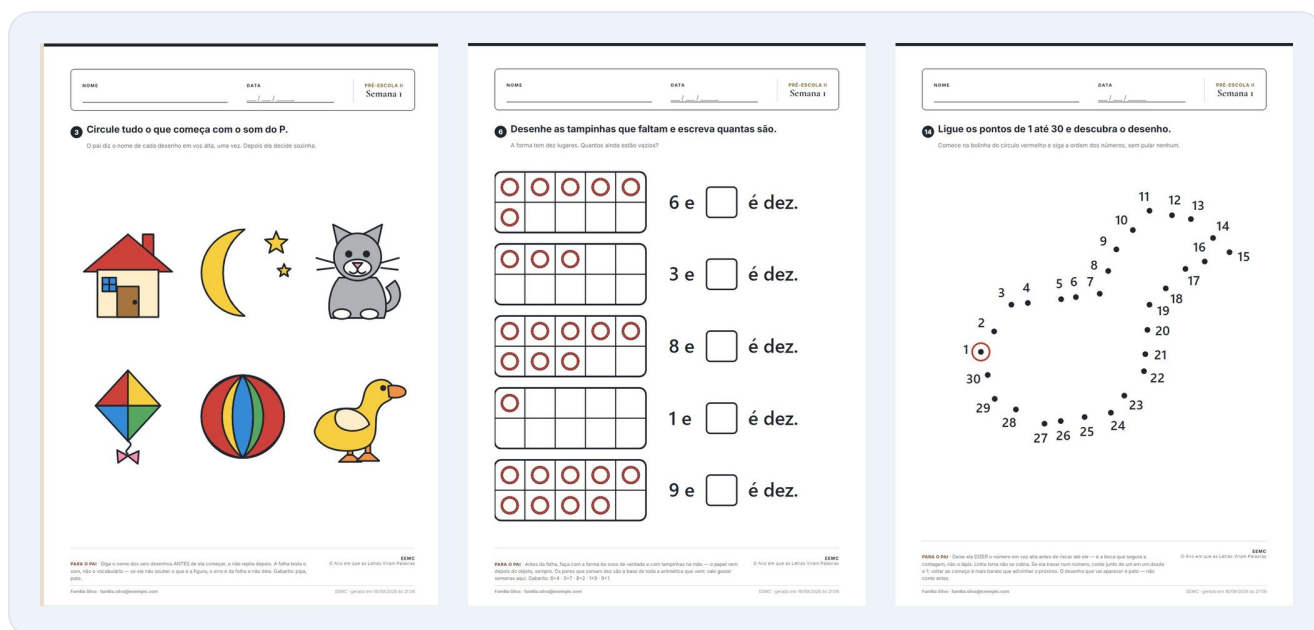
- Ligue o desenho à letra**
Julgar pelo som, com a coluna de letras embaralhada
- Ponto a ponto**
O desenho só aparece depois de contar até o fim
- Ache os iguais**
Discriminação visual — o que vem antes do b e do d
- Bíblia e Caráter**
O que esta semana pede, no papel
- Língua Portuguesa**
O que esta semana pede, no papel
- Matemática**
O que esta semana pede, no papel
- Inglês**
O que esta semana pede, no papel
- Artes e Música**
O que esta semana pede, no papel
- Ciências e Natureza**
O que esta semana pede, no papel

A REGRA DA FOLHA IMPRESSA

A folha não substitui a lição — ela é o que sobra dela na mão da criança. Faça a lição primeiro, e só depois dê a folha.

A capa das folhas da semana 1 da Pré-escola II, com o brasão, o quadro "O que esta semana ensina", a lista das folhas da semana e o nome da aluna de exemplo.

Nenhuma folha é aleatória: ou puxa o conteúdo da semana, ou treina a habilidade dela. A folha de pintar sai em traço, e as folhas trazem no rodapé um "Para o pai". As 540 semanas foram conferidas por dois programas: um conta as páginas e a proporção, o outro confere se cada folha entrega o que promete.



Três folhas da mesma semana: circular o que começa com o som do P, desenhar as tampinhas que faltam para fazer dez e ligar os pontos de 1 a 30, cada uma com o "Para o pai" no rodapé.

A apostila em PDF é outra coisa: o botão "Baixar em PDF" gera a lição, a semana, uma matéria ou um período, na Apostila dos pais, com gabarito e nota ao educador, ou na do aluno, em que "nenhuma resposta aparece". Todo material baixado sai com capa, contracapa e um carimbo com o nome da família, o e-mail do titular, a data, a hora e a criança. O download tem janela: no plano anual, o ano inteiro; no mensal, tudo o que já passou e mais dois meses, ou até oito semanas depois da última concluída, se for mais. No teste gratuito, nada se baixa nem se imprime.

Provas e boletim

A tela "Provas e boletim" gera uma prova por matéria a cada trimestre, "com gabarito para você e folha para a criança", em três variantes e duas vias.

Família Demonstração
Paulo · Responsável

Provas e boletim
Uma prova por matéria, a cada trimestre — com gabarito para você e folha para a criança

Laura · 3º ano **Pedro** · Pré-escola I

Gerar provas **Aplicadas** **Boletim**

1º trimestre **2º trimestre** **3º trimestre** Variante A

Duas vias, sempre. A **via dos pais** tem o gabarito, o critério do que conta como resposta válida e a referência da aula de onde cada questão saiu. A **via do aluno** tem os campos de resposta. As duas saem em PDF pelo botão "Imprimir / Salvar em PDF" da folha.

Bíblia e Caráter
0 questões · valor 10,0 · 0 min
O calendário do 3º ano não tem aula de Bíblia e Caráter neste trimestre — nada a avaliar por escrito. Se a sua casa trabalhou a matéria, registre pelo diário e pelo portfólio.

Latim
0 questões · valor 10,0 · 0 min
O calendário do 3º ano não tem aula de Latim neste trimestre — nada a avaliar por escrito. Se a sua casa trabalhou a matéria, registre pelo diário e pelo portfólio.

Língua Portuguesa
0 questões · valor 10,0 · 0 min
O calendário do 3º ano não tem aula de Língua Portuguesa neste trimestre — nada a avaliar por escrito. Se a sua casa trabalhou a matéria, registre pelo diário e pelo portfólio.

Matemática
6 questões · valor 10,0 · 50 min

Registrar

FD **Família Demonstração**
Paulo · Responsável

Hoje

Indique e ganhe **3D**

Registros

Importar registros

Crianças

ENSINO

Currículo

Cursos Extras **3D**

Explicando o método

Documentos importantes

Provas e boletim

Prova de nivelamento

Instalar na tela

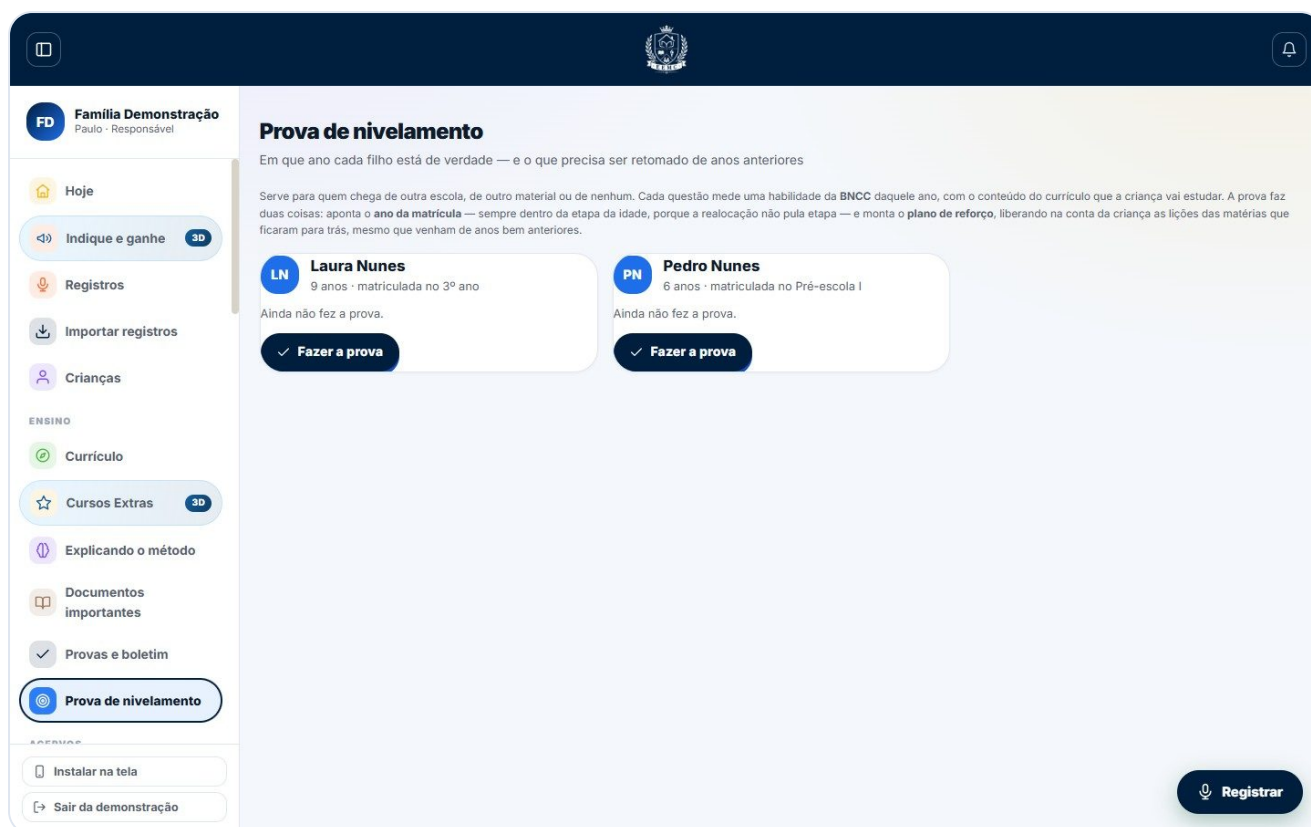
Sair da demonstração

A tela "Provas e boletim": uma prova por matéria a cada trimestre, com a via do professor (gabarito e critério) e a via do aluno, as variantes A, B e C e as abas Gerar provas, Aplicadas e Boletim.

A prova nasce do que a criança estudou naquele trimestre, sobretudo das atividades com gabarito: "Nada aqui inventa fato." É sempre a mesma para a mesma combinação de ano, trimestre, matéria e variante, para que o gabarito bata com a folha do aluno. Vai de 8 questões no 1º ano a 14 do 8º em diante, com nota até 10. Na Pré-escola não há prova escrita, mas um roteiro de observação, porque prova escrita aos quatro anos "mede se ela aguenta ficar sentada". O boletim confere a matrícula e conta na média só o trimestre com nota lançada. A prova não contradiz a narração: a narração é a avaliação de todo dia; a prova é o exercício de recordar o trimestre, e também um documento.

A prova de nivelamento

A prova de nivelamento responde em que ano a criança entra, o que ela já domina e o que ficou para trás, e transforma o que ficou para trás num reforço que libera na conta as lições de anos anteriores.

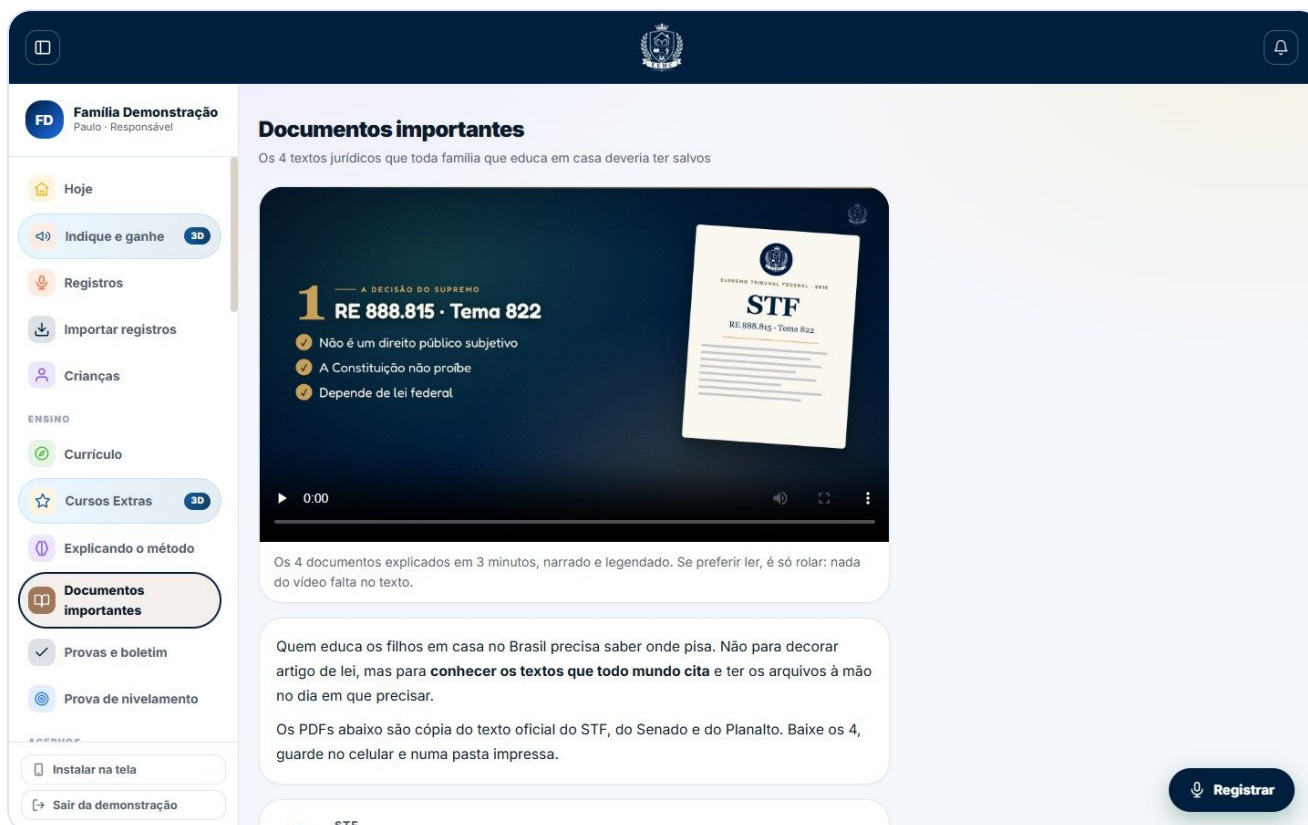


A tela "Prova de nivelamento": em que ano cada filho está de verdade e o que precisa ser retomado de anos anteriores, com um cartão por criança.

As regras protegem a criança. A mudança de ano fica presa à etapa da idade, porque "aos 7 anos, um filho que lê como um de 11 continua tendo 7". Entre etapas, resolve o reforço: "Um aluno de 16 anos que não firmou fração precisa das lições de fração do 5º ano, e não de voltar para o 5º ano." A prova desce até quatro anos abaixo, e só Português e Matemática decidem o ano. Todo item tem duas âncoras, a habilidade da BNCC e o escopo do currículo, e o banco tem 392 itens, da Pré-escola ao Ensino Médio. O que a tela chama de avanço ou reforço é exatamente o que a conta libera.

Documentos importantes

A aba "Documentos importantes" reúne "os 4 textos jurídicos que toda família que educa em casa deveria ter salvos": o acórdão do STF no Recurso Extraordinário 888.815 (Tema 822), julgado em 12 de setembro de 2018; o Projeto de Lei 1.338/2022, em tramitação no Senado; a LDB, Lei 9.394/1996; e o ECA, Lei 8.069/1990. Cada cartão explica o documento e traz o PDF e a fonte oficial, e um vídeo curto explica os quatro.

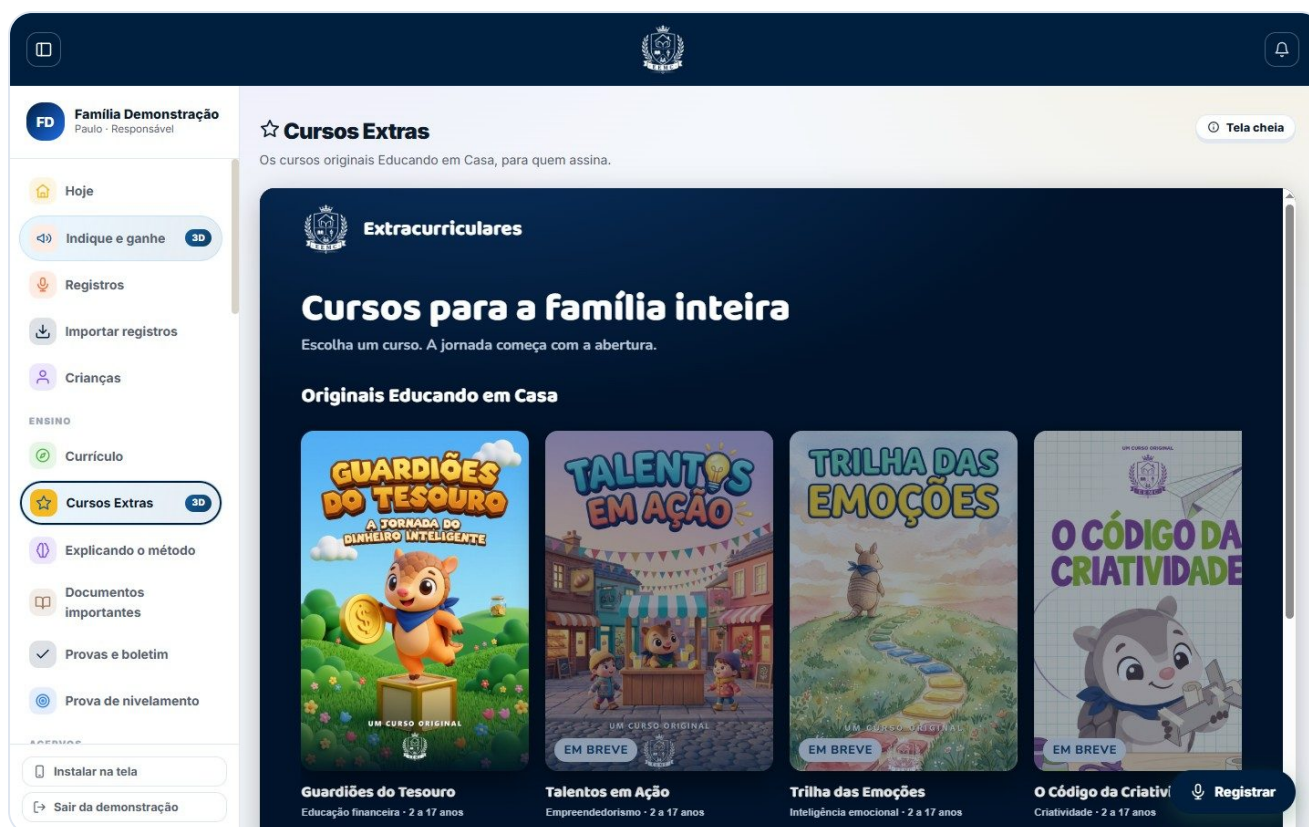


A aba "Documentos importantes": os 4 textos jurídicos que toda família que educa em casa deveria ter salvos (STF, RE 888.815, Tema 822; o projeto de lei; a LDB; o ECA), com o vídeo que os explica.

A plataforma guarda uma cópia do texto porque "a família precisa do arquivo no dia em que for chamada, não de um link morto". E é honesta sobre o que é: "O texto explica, não aconselha", e "informação não substitui um advogado". Não há assistência jurídica nem modelos de defesa; o que a família tem para se explicar são os documentos oficiais e os que ela mesma produz.

Cursos extras

A assinatura dá acesso também aos Cursos Extras, seis cursos para a família inteira: Guardiões do Tesouro, de educação financeira; Talentos em Ação, de empreendedorismo; Trilha das Emoções, de inteligência emocional; O Código da Criatividade; Trilha das Virtudes, de caráter e serviço; e Família Intencional, de rotina e mordomia.

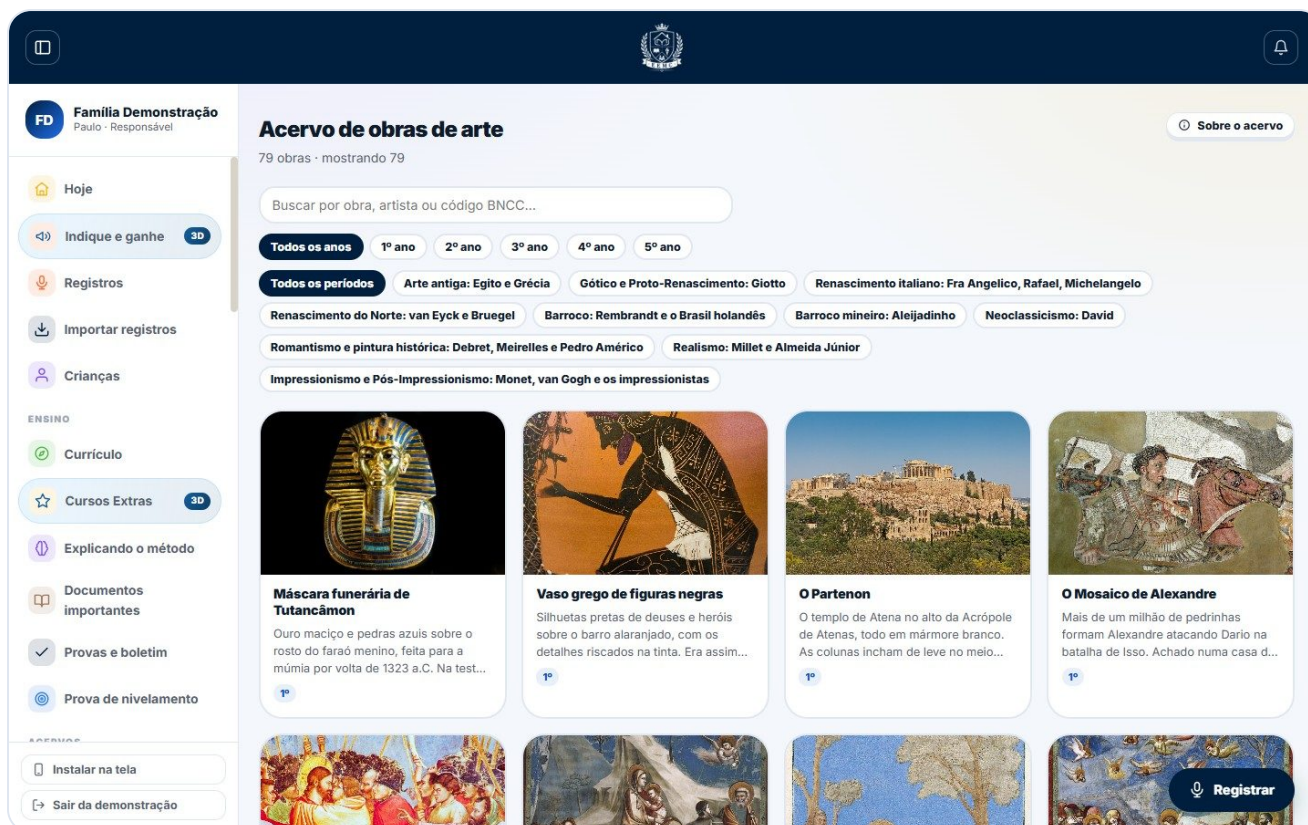


A vitrine dos Cursos Extras dentro do painel, "Cursos para a família inteira", com Guardiões do Tesouro, Talentos em Ação, Trilha das Emoções, O Código da Criatividade e os demais.

Cada curso tem seis temporadas, dos 2 aos 17 anos, em geral com vinte capítulos cada, e o Família Intencional tem ainda uma temporada para os pais; ao todo, são 750 capítulos. Cada capítulo tem a parte de aprender, um jogo, a de fazer em casa, uma atividade fora de casa, o guia do pai, a folha para imprimir e a missão do dia. O certificado de cada temporada leva o nome da criança e só abre com todos os capítulos concluídos, porque "certificado de curso não terminado não certifica". Cada curso tem a sua tese e as suas referências, e a regra é a do currículo: "Cada autor entra pela técnica. A cosmovisão é a da Educação em Casa." O Código da Criatividade começa em Bezalel. Os cursos são abertos às famílias um a um, conforme a liberação de cada um; até lá, aparecem como "Em breve".

Acervos, globo e o método explicado

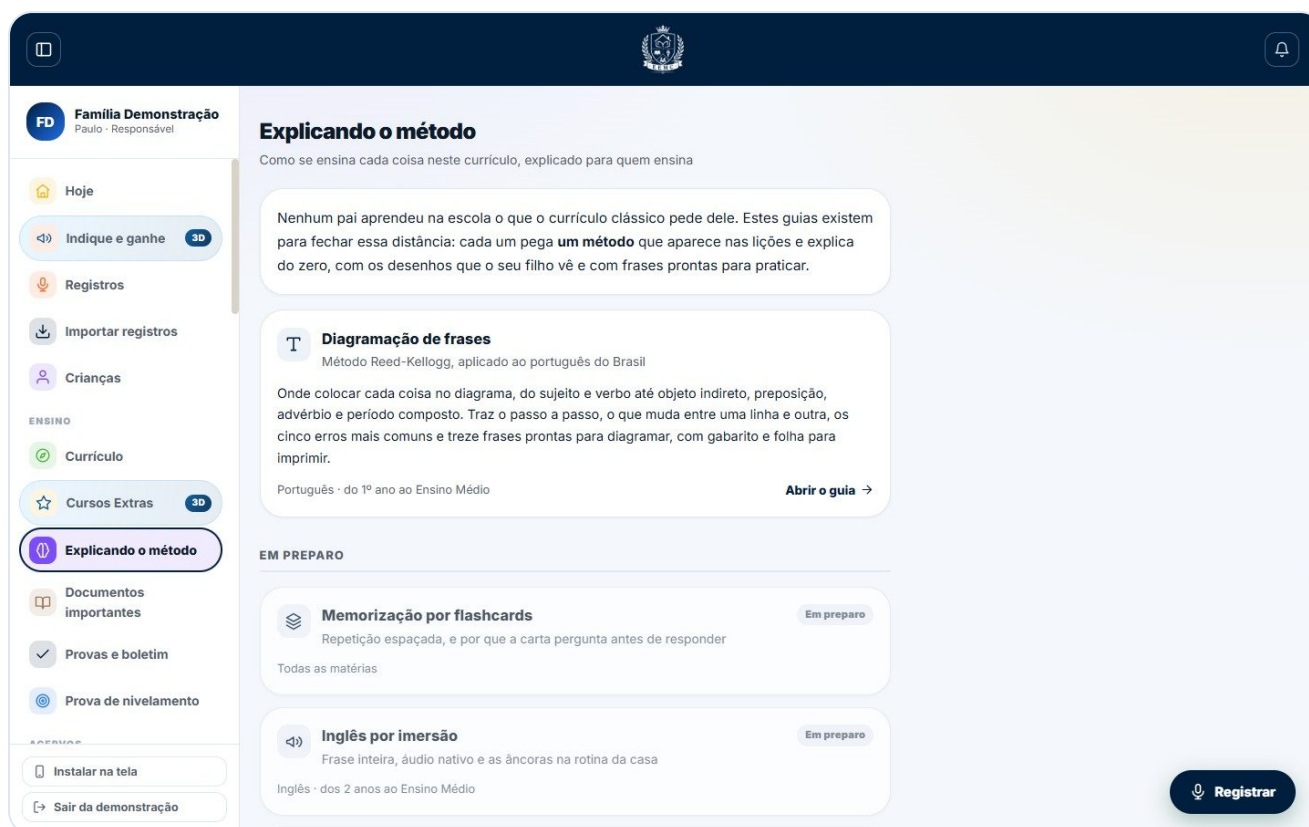
Treze acervos visuais somam 1.210 itens, entre eles 381 mapas, 222 bandeiras, 195 países, os 118 elementos da tabela periódica e 79 obras de arte. Cada item traz os anos e os códigos da BNCC a que serve, e "obra sem crédito não aparece".



O acervo de obras de arte: 79 obras, com filtros por ano e por período, da arte antiga ao século XX.

O acervo de obras é o museu da criança: é dele que a lição puxa a obra certa. E os mapas incluem 44 pranchas no estilo dos atlas antigos. O Globo Terrestre Histórico e Geográfico 3D é a linha do tempo do currículo em forma de esfera: a criança escolhe uma era, vê as rotas e os barcos de cada época e toca num país para saber o que aconteceu ali, e da lição o globo abre já na época que a aula estuda.

O pai ensina por métodos que ninguém lhe ensinou, e a prateleira "Explicando o método" existe para isso.



A tela "Explicando o método": a prateleira de guias para quem ensina, como a Diagramação de frases.

O primeiro guia pronto, com vídeo, é o da Diagramação de frases, o método menos conhecido das famílias brasileiras. Os próximos são a memorização por flashcards, o inglês por imersão, a cópia e o ditado, a narração e o Trivium por idade. Enquanto não chegam, o passo a passo e o gabarito de cada lição trazem o que o pai precisa naquele dia.

O dia a dia e a rede entre famílias

Outras telas cuidam da rotina. O **Planejamento** tem seis níveis, sempre com o de cima à vista, porque "a pergunta que trava um planejamento não é 'o que faço hoje?', é 'por que estou fazendo isso?'. Nos **Hábitos**, "sequência quebrada não é derrota: é terça." Em **Leituras**, o Termômetro de cosmovisão marca cada livro do ano. E o aplicativo se instala no celular e funciona sem internet.

Para a solidão, **Mapa e famílias** responde "tem gente como eu por perto?", com 54 comunidades locais, recortadas pelo deslocamento real e não pela divisão administrativa; **Encontros** só mostra o endereço depois de confirmada a presença; o **Calendário cultural** mostra o que fazer com as crianças perto de casa; e o **Mural nacional** é a conversa entre as famílias. Nada aparece sem que a família escolha participar, e a criança nunca tem perfil.

Por que nesta ordem

Cada ano entrega ao seguinte o que ele precisa para começar. Lida de ponta a ponta, a ordem obedece a poucas regras.

Exposição antes de instrução. O Maternal não ensina; expõe. A criança recebe língua, música, rotina e fé pelo convívio, e chega à Pré-escola com ouvido treinado. Sem isso, "a Pré I começa empurrando".

O solo antes da semente. Aos 4 anos se prepara o solo; aos 5 a criança decodifica; aos 6 lê com fluência. A leitura não é antecipada, porque antecipá-la "queima o amor pelos livros", nem adiada, porque a fônica diária alfabetiza no tempo certo.

Fatos antes de argumentos. Até o 4º ano a criança enche a memória: histórias, versículos, poemas, tabuadas, raízes latinas. O argumento vem quando ela tem sobre o que argumentar.

O latim no último ano da absorção. Aos 8 anos a criança ainda decora com prazer e já tem português para ver as palavras que nasceram de cada raiz.

A lógica quando chega a pergunta. Aos 10 anos a criança "discute o dia inteiro de qualquer jeito", e recebe as falácias, o silogismo e o debate nesse momento, e não um ano depois.

A retórica quando ela quer falar, e a filosofia quando há com que lê-la. A Retórica formal entra no 7º ano e toma o centro no Ensino Médio. A Filosofia chega aos 15, quando a aluna já tem a lógica e já percorreu a história duas vezes: lê Platão sabendo o que foi Atenas, e Rousseau sabendo o que foi a Revolução Francesa.

A história em três voltas. Narrada, depois julgada, depois pensada. A criança que ouviu a Revolução Francesa aos 9 anos julga as independências aos 13 e lê Rousseau aos 16, e cada volta encontra a anterior guardada na linha do tempo.

O corpo e a fé na hora deles. A puberdade entra aos 13 anos, quando o corpo muda. A apologética formal, aos 10, quando a criança pergunta. O niilismo, aos 17, quando a aluna tem com que responder. Nada é antecipado para parecer avançado, e nada é adiado para parecer seguro.

Objecções e limites

"Isso é a escola dentro de casa com outro nome." Não é. A escola dá horas de carteira, prova para todos e um professor para muitos. O currículo dá lições curtas, narração no lugar de prova nos primeiros anos e um pai que conhece o filho. O 4º ano tem de três horas e meia a quatro horas de lição formal, em blocos; o resto do dia é ar livre, leitura, trabalho da casa e brincadeira.

"Trinta lições por semana é muito." São seis lições curtas por dia, e o que cansa "não é o total do dia, é o bloco longo". A família pode reorganizar a semana, e nenhuma tela pune o dia que não rendeu: "dia vazio é cinza claro, não vermelho".

"Por que usar a BNCC, se discordamos da filosofia dela?" Porque ela é só o esqueleto. Garante que nada essencial fique de fora e que a criança possa fazer o ENEM ou voltar a uma escola. O conteúdo, o método e a cosmovisão não vêm dela.

"O filtro fecha a criança numa bolha." Faz o contrário. A criança estuda a escravidão, o Holocausto, a ditadura e a eugenia "de frente", e a aluna lê Marx, Nietzsche, Rousseau e Darwin na fonte. O que o filtro tira é a postura: a militância, a culpa infantil, a fé tratada como folclore. "A história não se filtra para conforto."

"Eu não falo inglês." O método foi pensado para esse pai. O áudio fala por

ele em todas as frases, cartas e lições, e o pai aprende junto.

"Voz sintética não é voz nativa." É verdade, e esta tese não diz outra coisa. A voz é neural, com pronúncia americana no inglês e mexicana no espanhol, e não foi gravada por falantes. Ela dá a mesma pronúncia clara em todas as lições, a qualquer hora, e isso basta para o ouvido aprender os sons. Mas não substitui a conversa com gente: "a língua se aprende entre pessoas", e o alvo final é usar a língua para servir alguém.

"É tela demais." O Maternal e o Pré I não têm atividade de tela, e toda atividade de tela termina no caderno. Os flashcards se imprimem, as lições saem em apostila de papel, e cada semana tem dezessete páginas de folhas para a mão.

O que a plataforma não faz. A família precisa conhecer estes limites antes de começar:

- **Não há tutoria ao vivo com professores.** A própria página de apresentação do Educando em Casa diz que é um plano para o futuro, para reforçar o caminho da família, e não para substituí-lo.
- **Não há assistência jurídica.** A aba de documentos "explica, não aconselha", e "informação não substitui um advogado".
- **O motor que lê o registro sugere; não decide.** A leitura final das áreas é da família.
- **O relatório de frequência não inventa.** Onde não há minutos informados, ele diz isso. O documento só é tão completo quanto o registro.
- **A repetição espaçada vale para os cartões que a família cria na Memorização.** Os flashcards das lições se viram, embaralham, marcam e imprimem, mas não têm agenda de revisão.

- **Os guias de "Explicando o método" chegam aos poucos**, e os cursos extras são abertos um a um, conforme a liberação de cada um.
- **O download tem janela.** No teste gratuito nada se baixa nem se imprime, e no plano mensal o download alcança o que já passou e dois meses à frente.

O que nenhum currículo substitui. O pai. A plataforma põe a lição pronta na mão dele, mas não lê em voz alta com o filho no colo, não percebe que a criança está com fome e não ora com ela à noite. Essa atenção é do pai.

O que o currículo não promete. Não promete que a criança será brilhante, nem que nunca vai tropeçar. O homem planeja o caminho, mas é o Senhor quem dirige os passos (Provérbios 16.9). O currículo promete o que depende dele: um caminho completo, em ordem, fiel à verdade, e ferramentas que servem à família em vez de tomar o lugar dela.

Conclusão

A aluna que chega aos 17 anos depois dos quinze anos do Educando em Casa ouviu a Bíblia como uma história só, com um Autor. Aprendeu a ler pela fônica e leu os grandes livros na fonte. Guardou de cor salmos, poemas, hinos e um discurso. Narrou a história do mundo três vezes, cada vez com olhos mais maduros. Diagramou frases de livros reais e sabe de onde vêm as palavras que usa. Aprendeu a separar o que se mede do que se deduz e a refutar a ideia sem ferir a pessoa. Leu Marx e Nietzsche, sentiu o peso da pergunta e deu a resposta cristã com as próprias palavras. Usa o inglês e o espanhol para servir alguém. Defendeu uma monografia em voz alta e escreveu o próprio projeto de vida.

E a família que a acompanhou tem, de cada ano, um registro: os dias contados falando, as lições concluídas, as provas corrigidas, a frequência, o portfólio e o Livro do Ano. O que foi vivido pode ser mostrado.

A tradição clássica explica a forma do caminho: cada idade recebe o que pode receber, na ordem em que a mente cresce. A pesquisa confirma o que a tradição sabia: lembra-se melhor o que se recorda com esforço, o que se revê espaçado, o que se diz com as próprias palavras, o que se vê e se escreve à mão, a língua que se ouve e se entende. E a Escritura dá o porquê e o para quê: a verdade tem Autor, os filhos foram confiados aos pais, e a formação termina em serviço.

Os documentos da 3ª série descrevem o resultado numa frase, e é com ela que esta tese termina. O Educando em Casa quer entregar "uma pessoa formada, não só aprovada, que sabe o que pensa, por que pensa, e o que vai fazer com isso".

Referências

Os documentos que embasaram o currículo

Citados nos arquivos do próprio currículo, foram a base da sua escrita.

- Brasil. Ministério da Educação (2018). *Base Nacional Comum Curricular*. Versão final. O esqueleto temático do currículo.
- *Análise Crítica da BNCC / Cosmovisão Cristã*. Documento de base do filtro de cosmovisão (sem autor informado).
- *Construindo Currículo Home School*. Documento de base do método, com Charlotte Mason e o Trivium (sem autor informado).
- *Inglês na Educação Domiciliar*. Compilação dos ensinamentos de Adelaide Olguin (TalkBox.Mom), Rachel (Seven in All Family) e Ana Clara (Prática de Homeschooling no Brasil). Base do método de inglês.
- *Qual o melhor método para ensinar Espanhol em casa*. Documento de base do método de espanhol (sem autor informado).
- Simply Charlotte Mason. *4 Ways to Schedule Your Homeschool Year*. Base do calendário de 36 semanas e 180 dias.
- Bauer, Susan Wise. *A História do Mundo para Crianças*, volumes 1 a 4. Leitura de História do 1º ao 4º ano e do 6º ao 8º.
- Termômetro de cosmovisão. Instrumento próprio do Educando em Casa para classificar livros.
- Bíblia Sagrada. Almeida Revista e Atualizada (ARA).

A tradição clássica e Charlotte Mason

Os arquivos do currículo citam Susan Wise Bauer e Charlotte Mason pelo nome; estas são as obras de origem da tradição que eles seguem.

- Sayers, D. L. (1947). *The Lost Tools of Learning*.
- Bauer, S. W.; Wise, J. (1999). *The Well-Trained Mind*.
- Mason, C. (1886). *Home Education*. Primeiro volume da série de seis.

Os documentos oficiais

- Brasil. Supremo Tribunal Federal (2018). Recurso Extraordinário 888.815 (Tema 822).
- Brasil. Senado Federal. Projeto de Lei 1.338/2022, em tramitação.
- Brasil. Lei 9.394/1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
- Brasil. Lei 8.069/1990. Estatuto da Criança e do Adolescente.
- Brasil. Lei 13.415/2017. Revogou a oferta obrigatória de espanhol.

A pesquisa que confirma as práticas

Pesquisa externa, consagrada, que não foi fonte do currículo e confirma as práticas descritas nesta tese.

- Ebbinghaus, H. (1885). *Über das Gedächtnis* (A memória).
- Cepeda, N. J.; Pashler, H.; Vul, E.; Wixted, J. T.; Rohrer, D. (2006). Distributed practice in verbal recall tasks: a review and quantitative synthesis. *Psychological Bulletin*, 132(3), 354-380.
- Roediger, H. L.; Karpicke, J. D. (2006). Test-enhanced learning: taking memory tests improves long-term retention. *Psychological Science*, 17(3), 249-255.
- Dunlosky, J.; Rawson, K. A.; Marsh, E. J.; Nathan, M. J.; Willingham, D. T. (2013). Improving students' learning with effective learning techniques. *Psychological Science in the Public Interest*, 14(1), 4-58.
- Chi, M. T. H.; De Leeuw, N.; Chiu, M.-H.; LaVancher, C. (1994). Eliciting self-explanations improves understanding. *Cognitive Science*, 18(3), 439-477.
- Paivio, A. (1971). *Imagery and Verbal Processes*.
- James, K. H.; Engelhardt, L. (2012). The effects of handwriting experience on functional brain development in pre-literate children. *Trends in Neuroscience and Education*, 1(1), 32-42.
- Krashen, S. (1982). *Principles and Practice in Second Language Acquisition*.
- Asher, J. J. (1969). The total physical response approach to second language learning. *The Modern Language Journal*, 53(1), 3-17.
- Ray, B.; Seely, C. (1997). *Fluency Through TPR Storytelling*.



*Formar não apenas uma mente afiada, mas um caráter reto, que busca o
que é verdadeiro, bom e belo.*